

**UNIVERSIDADE FEDERAL DE UBERLÂNDIA
INSTITUTO DE PSICOLOGIA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM PSICOLOGIA**

SOFIA TEODORO DOS SANTOS EVANGELISTA

**SATISFAÇÃO E COESÃO: UM ESTUDO CORRELACIONAL COM ATLETAS DO
ESPORTE COLETIVO**

UBERLÂNDIA

2017



SERVIÇO PÚBLICO FEDERAL
MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO
UNIVERSIDADE FEDERAL DE UBERLÂNDIA
INSTITUTO DE PSICOLOGIA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM PSICOLOGIA



Sofia Teodoro dos Santos Evangelista

**Satisfação e coesão: um estudo correlacional com atletas do
esporte coletivo**

**UBERLÂNDIA
2017**



SERVIÇO PÚBLICO FEDERAL
MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO
UNIVERSIDADE FEDERAL DE UBERLÂNDIA
INSTITUTO DE PSICOLOGIA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM PSICOLOGIA



Sofia Teodoro dos Santos Evangelista

Satisfação e coesão: um estudo correlacional com atletas do esporte coletivo

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Psicologia – Mestrado, do Instituto de Psicologia da Universidade Federal de Uberlândia, como requisito parcial à obtenção do Título de Mestre em Psicologia Aplicada.

Área de Concentração: Psicologia Aplicada

Orientador: Prof. Dr. Sinésio Gomide Junior

**UBERLÂNDIA
2017**

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
Sistema de Bibliotecas da UFU, MG, Brasil.

E92s
2017 Evangelista, Sofia Teodoro dos Santos, 1991
Satisfação e coesão: um estudo correlacional com atletas do esporte coletivo / Sofia Teodoro dos Santos Evangelista. - 2017.
87 p. : il.

Orientador: Sinésio Gomide Junior.
Dissertação (mestrado) - Universidade Federal de Uberlândia,
Programa de Pós-Graduação em Psicologia.
Inclui bibliografia.

1. Psicologia - Teses. 2. Satisfação - Teses. 3. Esportes coletivos - Teses. 4. Coesão - Teses. I. Gomide Junior, Sinésio. II. Universidade Federal de Uberlândia. Programa de Pós-Graduação em Psicologia. III. Título.

CDU: 159.9



SERVIÇO PÚBLICO FEDERAL
MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO
UNIVERSIDADE FEDERAL DE UBERLÂNDIA
INSTITUTO DE PSICOLOGIA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM PSICOLOGIA



Sofia Teodoro dos Santos Evangelista

Satisfação e coesão: um estudo correlacional com atletas do esporte coletivo

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Psicologia – Mestrado, do Instituto de Psicologia da Universidade Federal de Uberlândia, como requisito parcial à obtenção do Título de Mestre em Psicologia Aplicada.

Área de Concentração: Psicologia Aplicada

Orientador(a): Prof. Dr. Sinésio Gomide Junior

Banca Examinadora

Uberlândia, 24 de agosto de 2017

Prof. Dr. Sinésio Gomide Junior

Universidade Federal de Uberlândia – Uberlândia, MG

Prof. Dra. Áurea de Fátima Oliveira

Universidade Federal de Uberlândia – Uberlândia, MG

Prof. Dra. Maria Regina Ferreira Brandão

Universidade São Judas Tadeu – São Paulo, SP

Prof. Dr. João Fernando Rech Wachelke

Universidade Federal de Uberlândia – Uberlândia, MG

UBERLÂNDIA

2017

Dedico esse trabalho aos filhos que pretendo ter, para que se espelhem no esforço empenhado para conclusão deste trabalho e a todos os profissionais da Psicologia que tem se dedicado ao árduo de trabalho de fortalecer a Psicologia do Esporte no Brasil.

AGRADECIMENTOS

Primeiramente à **Deus** pela saúde, sabedoria e oportunidade de realizar mais esta conquista no âmbito acadêmico.

Ao meu amado esposo, **Weberton Lucas Evangelista**, que não me deixou fraquejar durante a caminhada, me incentivou e me acompanhou todas as vezes que eu precisei. Obrigada pelo companheirismo, pela paciência e pelo apoio nos momentos difíceis dessa caminhada.

Aos meus pais, **Arli José dos Santos e Maria Regina Basílio Teodoro dos Santos**, por investirem na minha educação desde muito jovem, confiantes de que esse momento chegaria. Sou grata por nunca medirem esforços para que eu trilhasse o caminho que me traria até aqui.

Aos meus irmãos, **Vitória Stéfany Teodoro dos Santos e Basílio Teodoro dos Santos**, pelo suporte, incentivo e crença de que eu seria capaz de vencer essa etapa. Agradeço também pelos momentos de descontração que me proporcionaram, foram o meu principal combustível.

Às minhas avós **Olga Basílio Teodoro e Cléria da Silva Santos** que me guardaram todo esse tempo em oração durante as viagens e compreenderam meus momentos de ausência nos finais de semana em decorrência da confecção deste trabalho. Aos meus avôs **Vandir Teodoro e José Gregório dos Santos** que, mesmo ausentes, contribuíram diretamente para a minha conquista.

Aos meus tios, tias, primos e primas e ao querido **José Antônio Gomes**, por acreditarem em mim e no meu potencial. Por me estimularem a continuar estudando e por acreditarem na minha inteligência.

Às minhas lindas Teodorinhas, em especial à **Vanessa Patrícia Machado da Silva**, por me darem gás e força. Gratidão por se disporem a ler e fazer as pontuações necessárias para que meu trabalho estivesse ainda melhor.

Às minhas amigas, em especial **Alice Faria Ferreira e Alessandra Passos Bessa**, por me incentivarem a correr atrás deste sonho. São em momentos como esse de conquista que aprendemos a avaliar quando alguém te quer realmente bem ou não. Sou grata por perceber em vocês um coração realmente feliz em acompanhar minha conquista e por me impulsionarem a ser uma profissional melhor.

Aos meus cunhados **Willian Lucas Evangelista** e **Solange Cristina Borges Evangelista** por me acolherem em casa durante as coletas e me oferecerem todo o suporte necessário durante a coleta de dados.

Ao meu estimado orientador **Sinésio Gomide Junior** pelo irrestrito apoio e presença, por me incentivar e me mostrar os melhores caminhos, principalmente por não desistir de mim no meio da caminhada. Gratidão por compreender minhas ausências e por me acolher enquanto orientanda-viajante.

Aos atletas que participaram da pesquisa, aos técnicos por permitirem que eles participassem e aos clubes por me oferecerem os momentos para as coletas de dados.

A todos vocês, muito obrigada!

RESUMO

O objetivo deste trabalho foi investigar as correlações existentes entre as variáveis satisfação do atleta e coesão de grupo em equipes de esporte coletivo a nível amador. Participaram do estudo 138 atletas de 10 equipes adultas amadoras de basquete, rúgby, vôlei e futebol. Para avaliação dos níveis de satisfação e coesão foram aplicados, respectivamente, o Questionário de Satisfação do atleta – versão liderança (ASQ-L) e o Questionário de Ambiente de Grupo (GEQ). Os atletas apresentaram níveis moderados de satisfação pessoal e coesão de grupo em todas as dimensões. Os escores das dimensões de satisfação do atleta por modalidade apontam para diferenças significativas na dimensão Treino-Instrução (entre equipes de basquete e futebol), Tratamento Pessoal (entre equipe de futebol e demais equipes) e Desempenho de Equipe (entre equipes de basquete e rúgby e equipes de futebol e vôlei). Os escores das dimensões de coesão de grupo por modalidade destacaram diferença significativa na dimensão Integração no Grupo-Tarefa (entre equipes de basquete e futebol) e na dimensão Atração Individual para o Grupo-Tarefa (entre equipe de rúgby e futebol). A relação entre a variável satisfação do atleta e coesão de grupo apresentaram correlações positivas envolvendo as dimensões Treino-Instrução, Integração no Grupo-Tarefa, Atração Individual para o Grupo-Tarefa, Tratamento Pessoal e Desempenho de Equipe. Este trabalho contribuiu para esclarecer parcialmente as diferenças entre equipes de diferentes modalidades. A partir dos resultados são discutidas as limitações e contribuições do estudo.

Palavras-chave: Satisfação; Coesão; Equipes; Esporte Coletivo.

ABSTRACT

The aim of this study was investigate the correlations between the variables athlete's satisfaction and group's cohesion in amateur collective sports teams. 138 athletes from 10 amateur adult teams of basketball, rugby, volleyball and soccer participated of the study. To evaluate satisfaction and cohesion levels, Athlete Satisfaction Questionnaire (ASQ-L) and Group Environment Questionnaire (GEQ) were applied. Athletes presented moderate levels of personal satisfaction and group cohesion in all dimensions. The scores of the dimensions of satisfaction of the athlete by modality point to significant differences in the dimension Training-Instruction (between basketball and soccer's teams), Personal Treatment (between soccer and other teams) and Team Performance (between basketball and rugby's teams and football and volleyball's teams). The scores of the group cohesion dimensions by modality showed a significant difference in Integration in Task Group (between basketball and soccer's teams) and in Individual Attraction for the Task Group (between rugby and soccer's team). The relationship between the athlete satisfaction variable and group cohesion presented positive correlations involving Training-Instruction, Integration in Task Group, Individual Attraction for the Task Group, Personal Treatment and Team Performance. This work contributed to partially clarify the differences between teams of different modalities. From the results are discussed the limitations and contributions of the study.

Keywords: Satisfaction; Cohesion; Teams; Team Sport.

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO	10
2	O ESPORTE, O AMADORISMO E O COLETIVISMO	14
2.1	Equipes de esporte coletivo	19
3	SATISFAÇÃO: CONCEITUAÇÃO E ABORDAGENS TEÓRICAS	22
3.1	Dimensões da satisfação do atleta	26
3.1.1	Resultados	27
3.1.2	Processos	31
3.2	Estudos brasileiros realizados sobre satisfação em esportes coletivos ..	37
3.3	Estudos empíricos: satisfação associada a outras variáveis	42
4	COESÃO DE GRUPO	44
4.1	Estudos realizados sobre coesão em esportes coletivos	47
5	JUSTIFICATIVA E OBJETIVOS	50
6	MÉTODOS.....	54
6.1	Modalidades.....	54
6.1.1	Futebol.....	54
6.1.2	Basquete.....	55
6.1.3	Vôlei.....	56
6.1.4	Rúgby	57
6.2	Participantes	58
6.3	Instrumentos	59
6.3.1	Questionário de Satisfação do Atleta (ASQ).....	59
6.3.2	Questionário de Ambiente de Grupo.....	62
6.4	Aspectos éticos	64
6.5	Procedimentos	64
6.6	Análise dos dados.....	65

7	RESULTADOS E DISCUSSÕES	66
7.1	Análise descritiva	66
7.2	Comparações entre grupos.....	67
7.3	Correlações.....	71
7.4	Discussão dos resultados por modalidade.....	73
8	CONCLUSÃO.....	76
9	REFERÊNCIAS	79

1 INTRODUÇÃO

A satisfação com a experiência esportiva tem sido alvo de pesquisa na área da psicologia do esporte (Lopes, Samulski, & Silva, 2007; Luckwü, 2016; Rodrigues & Saldanha, 2016; Riemer & Chelladurai, 1998). Contudo, poucos são os especialistas brasileiros que têm procurado avaliar a satisfação dos atletas nas participações esportivas (Santos, 2004). De acordo com Andrade, Brandt, Dominski, Vilarino, Coimbra e Moreira (2015) a produção de estudos que associam a psicologia e o esporte teve um aumento evidenciado, a partir da primeira década do século XXI. No entanto, a satisfação ainda é um tema pouco explorado nesta área (Andrade *et al.*, 2015).

O atleta estar satisfeito é considerado um requisito para desempenho de alto nível (Borrego, Leitão, Alves, Silva, & Palmi, 2010). A preocupação com as respostas afetivas dos atletas no seu envolvimento no esporte deve ser uma componente importante em qualquer avaliação de um programa esportivo (Santos, 2004). Comumente, vencer é o principal objetivo dos atletas, por isso o desempenho individual assume um papel tão importante no que se refere a satisfação dos atletas (Corrêa, 2004). Desta forma, a satisfação apresenta-se como um elemento importante não só no esporte de alto rendimento, mas também no esporte de lazer (Andrade *et al.*, 2015).

Classificar determinada atividade esportiva como lazer ou rendimento requer cautela visto que constitui um dos tantos dualismos que permeiam as discussões das ciências do esporte, recebendo, na maioria das vezes, um tratamento extremado (Chagas, 1989). Em linhas gerais, pode-se dizer que as características que envolvem a diferenciação entre lazer e rendimento referem-se aos seus aspectos técnicos, sendo estes, as características da modalidade, o público alvo, os interesses e objetivos, as formas de execução e de gerência, entre outros (Chagas, 1989).

Já o alto rendimento, também conhecido como esporte profissional, é aquele em que os atletas são devidamente registrados e recebem remuneração para praticá-lo (Giglio, 2014). No caso dos atletas profissionais, o estudo da satisfação é tão importante quanto o da satisfação no trabalho, já que eles recebem salários e podem ser considerados funcionários da organização (clube ou equipe) (Riemer & Chelladurai, 1998).

As atividades esportivas investigadas neste trabalho têm a particularidade de serem praticadas por atletas amadores, ou seja, são considerados esporte de lazer. Para Giglio (2014) atletas amadores são aqueles que praticam o esporte de forma voluntária, ou seja, não recebem remuneração de qualquer espécie a mais do que as despesas necessárias para pagar hospedagem e transporte, ou aqueles que não estão registrados como profissionais.

Sobre o esporte amador é válido ressaltar que embora os atletas possam receber incentivos (materiais e/ou financeiros) para exercerem suas atividades esportivas, eles não são atletas profissionais e, portanto, não usufruem dos benefícios trabalhistas (Rodrigues & Saldanha, 2016). Os esforços destes atletas nos treinamentos e competições são compensados com o desenvolvimento físico, psicológico e social (Rodrigues, 2014). Nesse sentido, a satisfação assume uma importância ainda maior pois se torna um pré-requisito para que eles alcancem o máximo potencial (Borrego *et al.*, 2010; Riemer & Chelladurai, 1998; Rodrigues & Saldanha, 2016). A satisfação e o desempenho, para muitos treinadores, estão associados, uma vez que a participação dos atletas amadores no esporte é primariamente voluntária (Giglio, 2014).

O nível de satisfação do atleta pode influenciar outros aspectos do ambiente esportivo, como o nível de coesão de uma equipe (Nascimento Junior, Vieira, Souza, & Vieira, 2011). Rubio (1999) aponta que as maiores qualidades de uma equipe são: ser coesa, eficiente e eficaz. Desta forma, existe esforço por parte dos técnicos e dos

atletas para conhecer e aprimorar suas habilidades de comunicação, cooperação e de convivência, a fim de promover a coesão grupal (Rubio, 1999).

Diferentes equipes participaram do presente estudo. Optou-se por esporte coletivos uma vez que nestes existe a necessidade da equipe desenvolver processos sistemáticos de interação entre os membros, ficando claras a interdependência entre eles, as diferentes dimensões de satisfação (entre coletivo e individual), o possível grau de coesão e a conversão destes pontos na execução das tarefas (Nascimento Junior *et al.*, 2011).

O presente estudo objetivou, assim, investigar as correlações existentes entre as variáveis satisfação do atleta e coesão de grupo em equipes de esporte coletivo a nível amador. Considerando satisfação do atleta o nível de encontro entre o que é vivenciado pelo atleta e os seus padrões de exigência no esporte (Borrego *et al.*, 2010) e coesão como a tendência de um grupo se unir e permanecer unido na busca de seus objetivo e metas (Carron, Brawley, & Widmeyer, 1998).

Com a finalidade de apresentar este trabalho de forma organizada e coerente, esta dissertação está dividida em oito capítulos. No primeiro capítulo é apresentada a introdução desse trabalho com uma breve explanação dos assuntos que serão discutidos posteriormente. No segundo capítulo faz-se a delimitação do contexto investigativo, onde são apresentados o conceito de esporte, assim como são definidas equipes de esporte coletivo e discutidas características das equipes que participaram do estudo.

O terceiro e o quarto capítulos compreendem a revisão de literatura com apresentação de conceitos e avanços dos estudos nas áreas satisfação do atleta e coesão de grupo, respectivamente. No quinto capítulo encontram-se a justificativa e os objetivos deste estudo. O sexto capítulo descreve o método proposto para a realização deste trabalho e é dividido em seis momentos que contemplam a descrição e caracterização das modalidades de esporte coletivo que responderam aos

questionários, a descrição e caracterização da amostra, apresentação dos instrumentos utilizados para a coleta de dados, descrição dos aspectos éticos, descrição dos procedimentos utilizados no trabalho e análise de dados. Na sequência, o sétimo capítulo apresenta e discute os resultados. Por fim, o oitavo capítulo apresenta a conclusão do estudo.

Em síntese, pretende-se que, a singularidade de cada capítulo deste trabalho, seja um contributo útil para a compreensão da temática apresentada, tendo também o intuito de justificar a relevância e o interesse científico sobre este estudo.

2 O ESPORTE, O AMADORISMO E O COLETIVISMO

Barbanti (2006) definiu esporte como “uma atividade competitiva institucionalizada que envolve esforço físico vigoroso ou o uso de habilidades motoras relativamente complexas, por indivíduos cuja participação é motivada por uma combinação de fatores intrínsecos e extrínsecos” (p. 57). Esta não é uma decisão consensual (Rodrigues, 2014). Vale ressaltar que é uma definição do ponto de vista sociológico e faz referência ao que é popularmente descrito como esporte organizado, definição feita para diferenciar o que acontece num recreio de escola com o que ocorre nos Jogos Olímpicos (Barbanti, 2006).

O esporte é um relevante instrumento no desenvolvimento de uma nação, em praticamente todos os aspectos sociais e no Brasil tem evoluindo cada dia mais nos últimos anos (Camargo, 2011). As transformações histórico-sociais do esporte contribuíram de forma direta para a formatação do esporte moderno (Roche, 2002).

Em 1993, com a finalidade de adaptar a legislação brasileira ao cenário esportivo mundial que era, segundo Silva, Teixeira e Niyama (2009) cada vez mais impulsionado pela participação e investimento do setor privado no esporte, foi publicada a Lei nº 8.672/1993, conhecida como “Lei Zico”. Para os autores, os pontos principais tratados na lei foram a conceituação e as finalidades do esporte, enunciando os seus princípios fundamentais. Considerou-se a “Lei Zico” como um marco jurídico no que se refere às organizações de prática esportiva, visto que rompeu com as intervenções frequentes do Estado até então vigente, o que dificultava os investimentos do setor privado no esporte (Perruci, 2006).

Em 1998, foi elaborada a Lei nº 9.615/1998, conhecida como “Lei Pelé”, que foi aprovada com a finalidade de aperfeiçoar a Lei nº 8.672/1993, dando mais transparência e profissionalismo ao esporte nacional (Silva *et al.*, 2009). Uma das alterações tratadas na lei foi a extinção da figura do passe de atletas de futebol profissional (Silva *et al.*, 2009). A Lei Pelé prevê no Art. 3º que o desporto pode ser reconhecido em qualquer das seguintes manifestações:

I - desporto educacional, praticado nos sistemas de ensino e em formas assistemáticas de educação, evitando-se a seletividade, a hipercompetitividade de seus praticantes, com a finalidade de alcançar o desenvolvimento integral do indivíduo e a sua formação para o exercício da cidadania e a prática do lazer;

II - desporto de participação, de modo voluntário, compreendendo as modalidades desportivas praticadas com a finalidade de contribuir para a integração dos praticantes na plenitude da vida social, na promoção da saúde e educação e na preservação do meio ambiente;

III - desporto de rendimento, praticado segundo normas gerais desta Lei e regras de prática desportiva, nacionais e internacionais, com a finalidade de obter resultados e integrar pessoas e comunidades do País e estas com as de outras nações.

Parágrafo único. O desporto de rendimento pode ser organizado e praticado:

I - de modo profissional, caracterizado pela remuneração pactuada em contrato formal de trabalho entre o atleta e a entidade de prática desportiva;

II - de modo não-profissional, identificado pela liberdade de prática e pela inexistência de contrato de trabalho, sendo permitido o recebimento de incentivos materiais e de patrocínio. (Lei nº 9.615, 1998).

A determinação da atividade profissional como sendo caracterizada pela remuneração firmada em contrato de trabalho entre o atleta profissional e a entidade de prática esportiva (ou desportiva, como referenciada no artigo citado acima), aponta para uma regulamentação de todas as atividades administrativas do âmbito esportivo. Apoiando-se nas leis, a distinção entre atleta profissional e atleta amador torna-se relevante.

Rezende (2016) recentemente se ocupou em definir e delimitar o que é um atleta amador. Segundo o autor é aquele praticante eventual que o faz por prazer ou vaidade, sem a finalidade de lucro. Para este atleta é inexistente qualquer incentivo

material ou remuneração direta ou indiretamente, salvo prêmios recebidos pelas conquistas dos atletas (Rezende, 2016).

No Brasil, em regra, Rezende (2016) afirma que o futebol é o único esporte que segue as requisições da lei no que se refere ao contrato de trabalho, registro e cláusula indenizatória. Atletas de outras modalidades, tais como futsal, vôlei, basquete, entre outros, normalmente não tem contratos de trabalho, não recebem remuneração, apenas incentivos de patrocinadores (Rezende, 2016). Contudo, a tendência é que o esporte no Brasil continue evoluindo e se adapte às mudanças propostas ao esporte a nível mundial (Giglio, 2014).

Além de ser diferenciado entre profissional e não profissional, Parlebas (1988) afirma que o esporte pode ser classificado de outras formas. De acordo com o autor, a forma mais simples de classificação divide o esporte em modalidades individuais ou coletivas. As individuais são aquelas em que o atleta compete sozinho e coletivas as modalidades em que existe a formação de uma equipe (Parlebas, 1988).

Parlebas (1988) propôs classificar o esporte em quatro grandes categorias: esportes individuais em que não há interação com o oponente, esportes coletivos em que não há interação com o oponente, esportes individuais em que há interação com o oponente e esportes coletivos em que há interação com o oponente. Estas categorias estão definidas no Figura 1.

Esportes	Com interação com o adversário	Sem interação com o adversário
Coletivos	São atividades nas quais os sujeitos, colaborando com seus companheiros de equipe de forma combinada, se enfrentam diretamente com a equipe adversária, tentando em cada ato atingir os objetivos do jogo, evitando ao mesmo tempo que os adversários o façam. Por exemplo, Futebol, futsal, basquete, etc.	São atividades que requerem a colaboração de dois ou mais atletas, mas que não implicam a interferência do adversário na atuação motora. Por exemplo, Nado sincronizado, remo, etc.
Individuais	São aqueles em que os sujeitos se enfrentam diretamente, tentando em cada ato alcançar os objetivos do jogo evitando concomitantemente que o adversário o faça, porém sem a colaboração de um companheiro. Por exemplo, Judô, peteca, tênis, etc.	São atividades motoras em que a atuação do sujeito não é condicionada diretamente pela necessidade de colaboração do colega nem pela ação direta do oponente. Por exemplo, Ginástica olímpica, natação, etc.

Figura 1. Categorias esportivas propostas por Parlebas (1988)

Fonte: Adaptado de Parlebas (1988).

As definições propostas por Parlebas (1988) levam em consideração as características das modalidades e a interação entre os atletas, reforçando a interação como um aspecto importante de ser considerado para identificação das modalidades. O autor se preocupou ainda em propor outra subdivisão dentre as categorias de interação com o adversário e sem interação com o adversário. Esta outra subdivisão proposta por ele refere-se aos esportes como: sem interação com o adversário dando ênfase ao desempenho e com interação com o adversário dando ênfase aos princípios básicos do jogo.

São, por Parlebas (1988), os esportes sem interação com o adversário, dando ênfase ao desempenho: os esportes de “marca”, os “estéticos” e os de precisão. De acordo com o autor, a diferença entre os três tipos de esportes relacionados é que, o resultado da ação motora nos esportes de "marca" é um registro quantitativo de tempo, distância ou peso. Já o resultado da ação motora nos esportes estéticos é a qualidade do movimento segundo padrões técnico-combinatórios. Enquanto nos esportes de precisão esse resultado é a eficiência e eficácia de aproximar um objeto ou atingir um alvo. Esta classificação leva em consideração as ações dos atletas para atingir os resultados, ou seja, foca no desempenho e na capacidade dos atletas de executar as tarefas propostas (Parlebas, 1988).

São, segundo Parlebas (1988) esportes com interação com o adversário, dando ênfase aos princípios básicos do jogo: esportes de combate ou luta, campo e taco, esportes de rede/quadra dividida ou muro e esportes de invasão ou territoriais. As definições de cada tipo de esporte citados acima, de acordo com Parlebas (1988) estão descritos a seguir:

Esportes de combate ou luta: são disputas em que o(s) oponente(s) deve(m) ser contido(s), com técnicas, táticas e estratégias que envolvem desequilíbrio, contusão, imobilização ou exclusão de um determinado espaço na combinação de ações de ataque e defesa.

Campo e taco: são aqueles cujo objetivo é colocar a bola longe do alcance dos jogadores do campo a fim de recorrer determinados espaços para conseguir mais vantagem que os adversários.

Esportes de rede/quadra dividida ou muro: compreendem aqueles que têm como objetivo colocar arremessar/lançar um bola ou instrumento em setores onde o(s) adversário(s) seja(m) incapaz(es) de alcançá-lo ou seja(m) forçado(s) para que cometa(m) um erro, sendo válido apenas o tempo que o objeto está em movimento.

Esportes de invasão ou territoriais: são os que têm como objetivo invadir a área defendida pelo adversário procurando atingir esta meta para pontuar, protegendo simultaneamente a sua própria área.

Essa classificação dos esportes com interação com o adversário dando ênfase aos princípios básicos do jogo, proposta por Parlebas (1988), destaca os instrumentos e/ou aparatos necessários/obrigatórios aos atletas para realização de cada modalidade. Acompanhando ainda as classificações propostas e descritas, Tubino (1993) propôs classificar o esporte de acordo com suas dimensões sociais, em: esporte-educação, esporte-participação e esporte-performance. Sendo, segundo o autor:

Esporte-educação: aquele que ocorre principalmente na escola, mas pode ser desenvolvido em outros ambientes. Também conhecido como iniciação esportiva, tem como finalidade o ensino das técnicas e das habilidades necessárias para a prática esportiva de competição.

Esporte-participação: compreende todas as atividades esportivas que estão à disposição da população, visa a descontração, a diversão, o desenvolvimento pessoal e a relação entre as pessoas; esse tipo de esporte possui vários termos para identificar sua prática, entre eles estão os apelidos “pelada” e “racha”.

Esporte-performance: são aqueles que tem como objetivos a busca incessante por conquista de êxitos esportivos e superação de limites. Essa manifestação tem recebido diversas denominações: esporte de alto nível, esporte de

alta competição, esporte de competição, esporte de rendimento, esporte de alto rendimento, esporte espetáculo. Esse tipo de esporte destina-se às competições, porém trabalha de forma contextualizada os valores humanos e sociais. O esporte-performance se subdivide em Amador e Profissional.

O foco do presente trabalho são esportes coletivos que, no que se refere a interação são aqueles em que existe a interação com o adversário, quanto aos princípios básicos de jogo são esportes de rede/quadra dividida ou muro e também de invasão ou territoriais, e, de acordo com as dimensões sociais são esportes de performance. Vale destacar que são praticados por atletas adultos amadores.

2.1 Equipes de esporte coletivo

Equipes esportivas constituem agrupamentos humanos que demandam interação, cooperação e tolerância em um constante processo de adaptação e estabilização (Rubio, 2003). As equipes esportivas são entendidas como grupos especiais com características derivadas da atividade esportiva e de sua própria dinâmica (García-Mas, 1997), sendo pautadas em dois requisitos fundamentais e opostos: a divisão do trabalho em que cada atleta dentro da equipe terá determinadas funções; e a coordenação de funções, requisito imprescindível que faz com que a equipe funcione como um todo, mantendo-se unida e organizada (Eiroá, 2000).

Uma equipe esportiva é caracterizada, segundo Carron e Hausenblas (1998), por sete aspectos: existência de uma identidade coletiva (com aspectos que unifiquem os atletas, e os tornem diferentes de outras equipes); estabelecimento de objetivos e metas comuns; enfrentamento de vivências comuns (em que quanto maior for o número de experiências coletivas vividas, maior será a interdependência do grupo); demonstração de padrões estruturados de interação (um determinado líder, um estilo de comunicação, etc.); interdependência pessoal e na tarefa (motivando uma interação pessoal); atração interpessoal recíproca (situações onde o grupo ajuda a atingir o seu objetivo); e quando se consideram eles próprios, um grupo.

Segundo Bayer (1994), as modalidades esportivas coletivas podem ser agrupadas em uma única categoria pelo fato de todas possuírem seis invariantes: uma bola (ou equipamento similar), um espaço de jogo, companheiros com os quais se joga, adversários, um alvo a atacar (e, de forma complementar, um alvo a defender) e regras específicas. São essas invariantes e a estrutura comum que formam as equipes de esporte coletivo e possibilitam que as modalidades esportivas sejam consideradas dentro de uma mesma lógica, bem como permitem visualizar uma mesma estrutura de jogo (Bayer, 1994).

Com os avanços dos estudos sobre equipes de esporte coletivo, apesar das semelhanças, foi identificado que existem diferentes tipos de equipes esportivas cujas características, como o tamanho do grupo, o tipo de atividade e modalidade coletiva que pratica, o tempo e a intensidade da interação entre seus membros e a composição do grupo exercem significativa influência, de forma direta ou indireta, na sua formação, estruturação e desenvolvimento como equipe (Angelo & Rubio, 2011). Rubio (2003) identificou e caracterizou quatro tipos de equipes esportivas: as de esportes coletivos interativos, de esportes coletivos interativos participativos, de esportes coletivos participativos e de esportes individuais por equipe.

Esportes coletivos interativos: Para a autora, são caracterizados pela complexa relação entre os membros da equipe e a acentuada diferenciação de papéis. Nessas equipes, a interação entre os membros é sistemática e constante e é dela que depende a execução, com sucesso, da tarefa. São exemplos de esportes coletivos interativos: vôlei, futebol, basquete, handebol, polo aquático e rúgbi (Rubio, 2003).

Esportes interativos participativos: Caracterizam-se, segundo Rubio (2003), pela simultaneidade e sequência dos esforços. Contudo, a interação, bem como a diferenciação de papéis, é consideravelmente reduzida. Existe uma grande interdependência entre os membros do grupo que irá ditar o ritmo e a qualidade da prova, as equipes de remo são excelentes exemplos (Rubio, 2003).

Esportes coletivos participativos: Nestes, as tarefas são interdependentes entre si; a interação é muito reduzida, mas em algumas modalidades a diferenciação de papéis pode ser muito grande (Rubio, 2003). O desempenho é individual, mas o resultado depende da soma desses esforços. É o caso das provas de revezamento na natação e no atletismo (Rubio, 2003).

Esportes individuais por equipe: Referem-se àqueles em que as pontuações individuais se apresentam em um resultado por equipe, mas durante a execução, nenhum atleta depende do desempenho do outro membro da equipe, como por exemplo a ginástica e o ciclismo (Rubio, 2003).

Diante do objetivo de investigar as correlações existentes entre as variáveis satisfação do atleta e coesão de grupo em equipes de esporte coletivo a nível amador, optou-se por trabalhar com de esportes coletivos interativos.

3 SATISFAÇÃO: CONCEITUAÇÃO E ABORDAGENS TEÓRICAS

A satisfação é considerada um dos mais importantes resultados de qualquer experiência esportiva, uma vez que está relacionada diretamente com a persistência na atividade e é vista como um requisito básico para o desempenho esportivo (Karreman, Dorsch, & Riemer, 2009). Pode-se dizer que esta variável é uma parte integral da participação e da apreciação do esporte (Rosado, Mesquita, Correia, & Colaço, 2009).

Algumas das significações existentes na literatura associam a satisfação a vivências relacionadas a consumo. De acordo com Hunt (1977), satisfação pode ser definida como a resposta do consumidor a uma avaliação da oposição percebida entre as expectativas e a performance do serviço após seu consumo. Wilkie (1994) entende satisfação como uma resposta emocional positiva na avaliação de uma experiência de consumo. Oliver (1997) define satisfação como uma avaliação da surpresa inerente à aquisição de um serviço e sua experiência de consumo. Sheth, Mittal e Newman (2001), por sua vez, descrevem satisfação como o maior propósito organizacional e institucional das empresas, onde a empresa deve adequar a sua realidade ao contexto objetivado. López (1993), por sua vez, define satisfação como um estado psicológico demonstrado pelo resultado de vivências afetivas entre os pólos positivos e negativos (agradável-desagradável).

Contudo, é a definição de satisfação proposta por Chelladurai e Riemer (1997) uma das mais utilizadas nos estudos sobre satisfação no contexto esportivo. Segundo os autores, satisfação no contexto esportivo pode ser definida como um estado afetivo positivo cujo resultado constitui uma metodologia complexa de avaliação de estruturas, processos e resultados associados à vivência esportiva. Neste sentido, a satisfação é a diferença entre a percepção do que os atletas receberam e o que eles queriam, ou seja, quanto maior for a dessemelhança entre o que se quer e o que se obtém, maior será a insatisfação com a experiência esportiva, sendo o nível de satisfação um

indicador dos sentimentos do atleta sobre os ambientes da equipe esportiva (Chelladurai & Riemer, 1997).

Em estudo publicado, Riemer e Chelladurai (1998) estabeleceram critérios específicos para classificar as diferentes vertentes da satisfação em contexto esportivo. Para eles, em primeiro lugar, a satisfação estaria relacionada com os resultados, como ganhar ou alcançar os objetivos definidos, e com os processos que resultam nesses produtos, seria no caso resultado *versus* processo (por exemplo, a coesão). Em segundo lugar, a satisfação devia refletir processos e resultados individuais e grupais ou de equipe, neste caso, equipe *versus* indivíduo (Riemer & Chelladurai, 1998). Segundo Borrego *et al.* (2010), esta ideia sustenta a noção de que certos resultados desejados pelos indivíduos podem ser alcançados, unicamente, pela performance ou pelo esforço dos seus companheiros de equipe. Consequentemente, um atleta pode desenvolver atitudes face à equipe diferenciadas das atitudes relativas a si mesmo (Borrego *et al.*, 2010). Finalmente, um terceiro critério de classificação afirma que a satisfação deve ser analisada da dupla perspectiva das tarefas e dos processos e resultados sociais, que seria tarefa *versus* social.

Nas vivências esportivas os processos conduzem a resultados, que por sua vez, levam à satisfação (Riemer & Chelladurai, 1998). Segundo Borrego *et al.* (2010), tanto os processos como os resultados, podem ser associados ao indivíduo ou à equipe, e estes podem ser orientados para a tarefa ou para o social. As relações que se estabelecem entre os processos e os resultados são moderados por: (a) perdas no processo, inerentes ao contexto; (b) natureza da competição vitória-derrota; (c) tempo de treino consideravelmente superior ao tempo de competição; (d) o tradicional indicador de desempenho, a vitória, ser contaminado por fatores externos como a sorte e decisões dos juizes (Borrego *et al.*, 2010).

Uma proposta elaborada por Chelladurai (1978) possibilita novas formas de se compreender a satisfação. O autor, baseado em modelos teóricos de outras áreas, especificamente a psicologia organizacional (Rodrigues, 2014), elaborou o Modelo

Multidimensional de Liderança (MML), que segundo Rodrigues (2014) é uma abordagem interacional que contempla as especificidades do ambiente esportivo.

O MML é uma abordagem interacional e possibilita a análise da satisfação dos atletas e o desempenho do grupo, bem como o comportamento do treinador (líder) e as variáveis envolvidas (Figura 2).

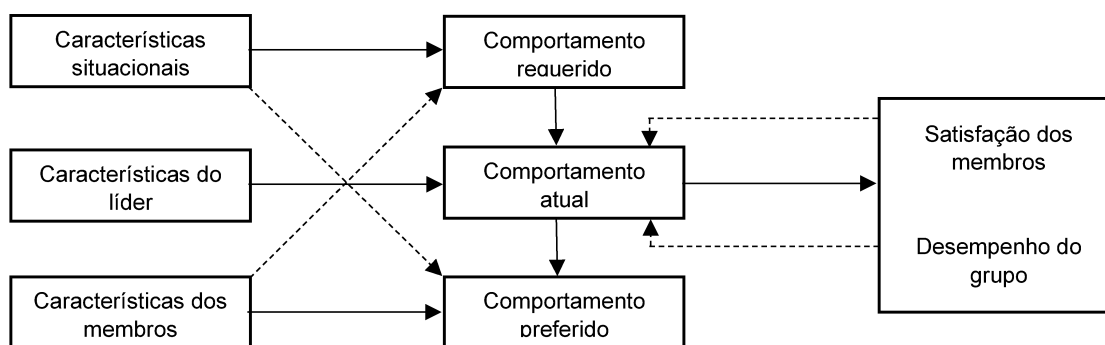


Figura 2. Modelo Multidimensional de Liderança

Fonte: Adaptado de Rodrigues e Saldanha, 2016.

O MML propõe que a satisfação e o desempenho podem ser aprimorados se o comportamento requerido pela situação, o comportamento preferido pelos membros do grupo e o comportamento atual do líder forem semelhantes (Chelladurai, 2007). Em oposição, se há uma grande discrepância entre os três estados do comportamento do líder, a satisfação e o desempenho ficam comprometidos (Rodrigues & Saldanha, 2016). A principal proposição do MML, a hipótese da congruência, pressupõe que quanto mais os atletas percebem que o seu treinador apresenta o comportamento que eles preferem em um determinado contexto, maior será a satisfação e o desempenho (Chelladurai, 2007; Rodrigues & Saldanha, 2016).

Embora exista na literatura suporte para as proposições gerais do MML, os estudos que testaram a hipótese da congruência não confirmaram sua validade (Rodrigues & Saldanha, 2016). Riemer e Chelladurai (1995), Andrew (2009) e Rodrigues e Saldanha (2016) analisaram atletas de futebol americano, tenistas e atletas escolares de oito modalidades diferentes, respectivamente, e relataram que a hipótese de congruência foi aceita apenas parcialmente. Por outro lado, Çakioglu (2003), Lopes (2006) e Riemer e Toon (2001), analisaram tenistas, jogadores de

futebol e atletas de vôlei, respectivamente, e rejeitaram integralmente a hipótese da congruência. Estes autores argumentaram que os fatores situacionais influenciam a relação entre o comportamento de liderança e a satisfação.

Um dos motivos apontados para essas inconsistências de resultados é a maneira com a qual a variável dependente (satisfação do atleta) era avaliada, o que refletia na carência de instrumentos específicos e validados para medir a satisfação do atleta (Chelladurai, 1993; Riemer & Chelladurai, 1995). A solução para este problema foi apresentada por Chelladurai e Riemer (1997) que desenvolveram e validaram estatisticamente o questionário *Athlete Satisfaction Questionnaire* (Questionário de Satisfação do Atleta – ASQ) para avaliar a satisfação, o qual contém diversos itens, é multidimensional e será apresentado posteriormente neste trabalho.

A falta de um instrumento de medida adequado era justamente um aspecto que limitava as pesquisas sobre a satisfação de atletas (Rodrigues, 2014). Para criar o ASQ e para que este fosse um instrumento confiável e que permitisse o desenvolvimento das pesquisas, inicialmente Chelladurai e Riemer (1997) realizaram um extenso trabalho de identificação e classificação das dimensões mais importantes da satisfação do atleta.

Para isso, Chelladurai e Riemer (1997) utilizaram três critérios. Primeiro, um exame cuidadoso das várias abordagens para o estudo da satisfação, que mostrou que os aspectos identificados podem ser significativamente categorizados em (a) as relacionadas aos resultados (vitória, desempenho, alcance de metas, integração de equipe, etc.) e (b) aqueles associados aos processos que conduzem a esses resultados. Em segundo lugar, uma diferença significativa entre o contexto esportivo e os contextos organizacionais convencionais, considerando principalmente que, embora existam vários resultados e/ou processos pessoais que um atleta individual pode procurar por si mesmo, alguns desses resultados e/ou processos podem ser obtidos somente através dos esforços e desempenho dos outros membros da equipe. O terceiro fator considerado foi a noção de que alguns dos resultados e processos são

puramente relacionados a tarefas e outros são de natureza mais social. Esta dicotomia de tarefas e domínios sociais está subjacente a várias abordagens teóricas no comportamento organizacional (Chelladurai & Riemer, 1997).

3.1 Dimensões da satisfação do atleta

De acordo com Chelladurai e Riemer (1997), os resultados da participação esportiva podem ser analisados da perspectiva individual bem como coletiva. Ou seja, para os autores, um atleta pode estar satisfeito com os resultados da equipe como um todo, bem como com seus resultados individuais acumulados.

RESULTADOS		PROCESSOS	
Individual	Coletivo	Individual	Coletivo
TAREFA			
Desempenho;	Desempenho;	Utilização da habilidade;	Seleção da estratégia;
Alcance de metas pessoais;	Alcance de metas coletivas;	Treinamento e Instrução;	Mobilização;
Melhora do desempenho;	Melhora do desempenho;	<i>Feedback</i> positivo;	Desenvolvimento;
Crescimento pessoal;	Maturidade da equipe;	Contribuições pessoais;	Prática;
Função na tarefa;	Integração do grupo.	Contribuições do grupo;	Táticas de competição;
Imersão pessoal.		Reconhecimento;	Tratamento igual;
		Compensação;	Ética;
		Suporte Familiar.	Esforço do grupo;
			Coordenação;
			Facilidades;
			Orçamento;
			Apoio de auxiliares;
			Suporte comunitário;
			Fidelidade do suporte;
			Participação decisiva.
SOCIAL			
Pertencimento; Amizade; Função.	Harmonia interpessoal;	Suporte Social; Fidelidade do suporte.	

Figura 3. Dimensões da satisfação do atleta

Fonte: adaptado de Chelladurai e Riemer, 1997 e Rodrigues, 2014.

De acordo com a Figura 3, os aspectos identificados podem ser categorizados significativamente em: aqueles relacionados com os resultados e aqueles associados com os processos que conduzem a esses resultados. É interessante que os autores não se preocuparam apenas com os processos e resultados pessoais, mas também com os processos e resultados coletivos, ou seja, embora existam vários processos e resultados pessoais que o atleta pode procurar por si mesmo, alguns desses processos e resultados podem ser provenientes dos esforços e do desempenho dos outros membros da equipe.

3.1.1 Resultados

No que se refere aos resultados, pode-se dizer que um atleta pode estar individualmente satisfeito de formas diferentes com os resultados da equipe como um todo e os resultados ligados a ele especificamente (Chelladurai & Riemer, 1997). São descritas a seguir as definições propostas pelos autores:

3.1.1.1 Resultados Individuais

Para Chelladurai e Riemer (1997), os resultados individuais envolvem: desempenho, alcance de metas, melhoria do desempenho, crescimento pessoal, função na tarefa e imersão pessoal.

Desempenho: O desempenho é o principal resultado para um atleta. Considerando que a medição do desempenho individual em esportes individuais é direta, tais avaliações podem ser problemáticas nos esportes de equipe, pois os esforços individuais e o desempenho podem ser submersos no esforço total e no desempenho de outros membros e da equipe como um todo. Contudo, os membros individuais de uma equipe podem ter uma concepção clara de seu próprio desempenho. A noção de satisfação com o desempenho individual é tão relevante nos esportes em equipe quanto nos esportes individuais.

Alcance de metas: Refere-se à habilidade dos atletas em definir metas de desempenho individuais por conta própria, ou faz ainda referência a outras pessoas,

como treinadores ou colegas de equipe, e de que forma podem ajudar os atletas a definir esses objetivos individuais. Independentemente da forma como esses objetivos foram definidos, a satisfação em atingi-los é um sentimento individualmente experimentado que é de suma importância.

Melhora do desempenho: A melhoria do desempenho pessoal é outro aspecto significativo da satisfação do atleta. Este relaciona-se com melhorias no desempenho pessoal ao longo de uma temporada. Conforme observado anteriormente, isso é consistente com o propósito fundamental do atleta: a busca pela excelência. Considerando que as melhorias de desempenho podem não significar a excelência em si, elas indicam a noção de busca. Essa sensação de aproximar-se da excelência (ou dos limites das capacidades individuais) é a essência da participação nos esportes. Portanto, quaisquer sentimentos positivos sobre esse progresso seriam um aspecto significativo da satisfação do atleta.

Crescimento pessoal: O crescimento pessoal refere-se ao crescimento psicológico e mental do atleta, ou seja, uma maior compreensão das estratégias e táticas do esporte, bem como o desenvolvimento de habilidades psicológicas e sociais. Como estas questões podem, de fato, sustentar o indivíduo na vida adulta, os autores entenderam que seria apropriado incluir isso como um aspecto da satisfação do atleta.

Função na tarefa: Refere-se ao interesse que todo membro de uma equipe esportiva tem em contribuir com o grupo do qual faz parte. Embora esse interesse possa resultar, em partes, na busca do atleta pela excelência em seu esporte, também é sua função (central ou periférica) se empenhar nas tarefas do grupo.

Imersão pessoal: este aspecto refere-se à medida em que o atleta está satisfeito com o seu envolvimento pessoal com o esporte, é a sensação de prazer associado aos movimentos do esporte. Esses sentimentos associados aos padrões de movimento são chamados de sensações cenestésicas referentes à consciência de um indivíduo do seu corpo e seus movimentos.

3.1.1.2 Resultados Coletivos

Os resultados coletivos são bastante semelhantes aos resultados individuais descritos anteriormente. Existem, no entanto, algumas diferenças sutis que são explicadas a seguir. São considerados por Chelladurai e Riemer (1997) resultados coletivos de tarefa: desempenho, alcance de metas coletivas, melhora do desempenho, maturidade da equipe e integração do grupo. Os autores definiram esses resultados coletivos de tarefa como:

Desempenho: O desempenho de uma equipe, como observado anteriormente, é o resultado mais desejado. É um aspecto que faz referência a uma situação em que os atletas investem quantidades excessivas de tempo na prática de determinada ação para o sucesso em períodos muito curtos de competições com duração limitada. A única medida de desempenho dos atletas é a vitória, seja através da conquista de campeonatos, do sucesso na maioria dos jogos, ou mesmo vencendo novamente os rivais tradicionais. Esta medida é consistente com a ideia de que o atleta busca a excelência, e que esta é demonstrada através da vitória contra os adversários equivalentes. Portanto, vencer é um resultado significativo para atletas. Dessa forma, pode-se dizer que a satisfação com o desempenho não só pode ser influenciada por pontuações absolutas, mas também por percepções de sucesso.

Alcance de metas coletivas: As equipes e seus treinadores podem estabelecer metas para a temporada, como ganhar um certo número de porcentagem de jogos. Como o alcance de metas pode, de fato, ser mensurado por indicadores de desempenho legítimos, eles podem constituir um aspecto da satisfação do atleta.

Melhora do desempenho: A melhoria do desempenho em equipe aponta que é concebível que indivíduos e equipes possam estar satisfeitos com as melhorias que fizeram no desempenho da temporada anterior ou durante a temporada atual. Essas melhorias podem referir-se a porcentagem geral de ganhos/perdas, *rankings* no campeonato e/ou percepções de melhoria no desempenho.

Maturidade da equipe: Maturidade em equipe refere-se ao crescimento e ao desenvolvimento dos membros do grupo em termos aptidão física, habilidade, domínio das habilidades, táticas e estratégias do esporte. Atletas individuais podem estar mais focados nesses elementos enquanto se relacionam com eles mesmos, porém também podem ter alguma satisfação sobre a forma como toda a equipe está se beneficiando de sua participação.

Integração de grupo: Este aspecto refere-se a um estado caracterizado por um sentido de solidariedade que envolve: orientações congruentes para os propósitos e processos do grupo, compreensão e aceitação de estratégias e táticas, reconhecimento e respeito pelos pontos fortes de cada um (bem como contribuições para os propósitos do grupo) e uma determinação coletiva para realizar os melhores esforços para esse fim. Essa solidariedade se desenvolve após interações prolongadas e contribuições relacionadas a tarefas. Embora a integração de grupo possa ser idealizada como variável antecedente de outras variáveis de interesse, como o desempenho, isso deve ser considerado como um resultado das interações relacionadas à tarefa. Deve-se notar que, enquanto a maturidade da equipe se refere aos aspectos físicos da aptidão, habilidade e domínio das habilidades e táticas, a integração grupal refere-se aos aspectos psicológicos da coordenação e do trabalho em equipe.

3.1.1.3 Resultados Individuais Sociais

Conforme observado anteriormente, os resultados sociais são tratados como independentes dos resultados da tarefa. Os três resultados sociais referentes aos atletas individuais são descritos a seguir, de acordo com Chelladurai e Riemer (1997):

Pertencimento: o sentimento de pertença a um grupo e ser aceito pelo grupo é uma recompensa em si. Tais sentimentos podem ser ainda maiores para aqueles que vivenciam necessidades sociais. Principalmente porque o esporte, como busca a excelência, exige que os atletas muitas vezes renunciem às interações sociais para se

concentrar na tarefa em questão. Neste sentido, pertencer à equipe em um sentido social pode ser o único meio de atender às necessidades sociais de um indivíduo.

Amizade: Considerando que o aspecto anterior de pertencimento refere-se ao apego de um atleta à equipe como um coletivo, que será evidenciado em atividades grupais, a amizade se refere a afinidades desenvolvidas com membros individuais da equipe. Assim, a amizade é demonstrada nos comportamentos recíprocos de dois ou mais atletas. Um tal indivíduo pode ser o próprio treinador.

Função social: Semelhante à noção do papel da pessoa na tarefa do grupo, também podemos conceber o papel desempenhado pelos indivíduos na rede social ou na estrutura dentro do grupo. O interesse é sobre a medida em que um atleta está satisfeito com o papel social que lhe foi atribuído independentemente da estrutura social do grupo. Por exemplo, um jogador, no início da sua prática esportiva em uma equipe, está satisfeito com seu papel como "novato" na equipe?

3.1.1.4 Resultados Coletivos Sociais

No que se refere aos resultados coletivos sociais, Chelladurai e Riemer (1997) identificaram a harmonia interpessoal, que é um aspecto referente ao grau em que os membros da equipe se dão bem como um grupo e fornecem apoio social uns aos outros. Este conceito, segundo os autores, tem sido pivô para atividades grupais, tais como dinâmicas de grupo e tem sido nomeado de forma diferente entre os estudiosos, por exemplo, integração de grupo, relações sociais, pares e coesão social.

3.1.2 Processos

Os processos relacionados à tarefa são aqueles projetados para tornar a equipe o mais efetiva possível. Em geral, espera-se que os processos apropriados resultem nos resultados desejados. No entanto, os processos podem não estar perfeitamente relacionados aos resultados devido a perdas de processos e fatores externos, como sorte, melhores performances do oponente, entre outros (Chelladurai & Riemer, 1997). Do ponto de vista do atleta, os processos internos podem ser fontes

importantes de satisfação, independentemente dos resultados. Os principais aspectos dos processos estão descritas a seguir, segundo Chelladurai e Riemer (1997).

3.1.2.1 Processos Individuais

Utilização da habilidade: Este aspecto refere-se à forma como o treinador usa as habilidades de um atleta individual. Ou seja, um atleta individual pode estar preocupado com o quão bem as suas próprias habilidades estão empregadas. Se essa habilidade específica não for usada e/ou estimulada pelo líder, ela pode ser uma fonte de insatisfação. Por exemplo, um jogador de basquete pode jogar a maior parte do tempo em um jogo. No entanto, ao jogador pode ser atribuído o papel de armador principal (aquele que normalmente leva a bola da defesa para o ataque), enquanto o jogador pode acreditar que seus talentos são mais adequados para o papel de ala (aquele capaz de infiltrar no garrafão). A questão, então, concentra-se na preferência de alguém por demonstrar habilidades específicas em relação às exigidas na função atribuída.

Treinamento e Instrução: A responsabilidade de um treinador é desenvolver as habilidades físicas e a compreensão das estratégias e táticas do esporte. Portanto, o treinador precisa se envolver em treinamento e instruir os atletas individualmente. À medida em que o treinador se envolve neste aspecto do treinamento e da instrução dos atletas, este se torna um componente significativo da satisfação dos atletas.

Feedback positivo: O *feedback* positivo é o fornecimento de reforços para o desempenho bem sucedido das tarefas atribuídas a atletas individuais durante os treinamentos e os jogos.

Contribuições pessoais: Refere-se à satisfação que um atleta tem com o esforço que ele apresentou durante os treinamentos e as competições. Pode-se incluir satisfações com esforço físico e/ou mental/psicológico. Por exemplo, um jogador de vôlei, por falta de esforço mental ou preparação psicológica, comete uma série de

erros durante um jogo. Mesmo que a equipe ganhe, o jogador pode estar insatisfeito com sua contribuição durante o decorrer do jogo.

Contribuição do grupo: Em vários aspectos, o grupo de trabalho pode servir como substituto da liderança. Os membros da equipe, coletivamente ou como indivíduos, podem servir para treinar e instruir o atleta individual, oferecer *feedback* positivo e ajudar o atleta a entender como seu esforço se encaixa no resto dos esforços da equipe. Todas essas ações são denominadas coletivamente como contribuição do grupo para o atleta individual.

Reconhecimento: Considerando que o *feedback* positivo refere-se à provisão de reforços para o desempenho bem-sucedido, esse aspecto diz respeito a si mesmo com o reconhecimento da importância do indivíduo para a equipe e seu sucesso. Ou seja, a equipe é melhor por causa do que o membro traz aos processos da tarefa.

Compensação: Este aspecto é análogo às escalas de satisfação de pagamento que estão presentes na maioria das escalas de satisfação no trabalho. Embora não possa duvidar que este seja um aspecto importante da satisfação dos atletas profissionais, também pode ser apropriado para os atletas universitários americanos que recebem bolsas de estudos como forma de apoio na busca da excelência.

Suporte familiar: Um atleta pode ou não estar satisfeito com a quantidade de suporte familiar que ele recebe para o envolvimento em empreendimentos atléticos. Por exemplo, os pais de um atleta podem expressar continuamente desapontamento pela escolha de seus filhos quanto ao envolvimento no esporte.

3.1.2.2 Processos Coletivos

São definidos como processos coletivos segundo Chelladurai e Riemer (1997):

Seleção da estratégia: O sucesso das equipes esportivas depende principalmente das escolhas estratégicas feitas pelo treinador. No contexto esportivo, as regras do jogo e dos campeonatos podem restringir o treinador de alterar o

propósito geral do esporte e/ou dos objetivos a serem alcançados. Uma escolha específica influenciaria a seleção e uso de jogadores específicos e a natureza dos treinamentos. Na verdade, as estratégias de um treinador são o principal conteúdo das discussões realizadas por especialistas e fãs.

Mobilização: Refere-se à medida em que talentosos atletas são recrutados como membros da equipe. Esse recrutamento pode ser bastante elaborado, como no caso da escalação dos jogadores para a Copa do Mundo, ou muito menos complexo, como no caso de selecionar uma equipe após um teste do ensino médio. Em ambos os casos, a mobilização se referiria ao recrutamento e/ou seleção de indivíduos talentosos cujos traços, talentos e habilidades contribuiriam mais para as estratégias selecionadas. Quando vistos da perspectiva das estratégias, os atletas recrutados/selecionados deverão possuir diferentes tipos de traços e talentos para se complementar. Assim, uma equipe de basquete exigiria alguns jogadores altos, bem como alguns rápidos capazes de fazer as jogadas. Embora todo atleta fique feliz em ser selecionado como membro da equipe, esse atleta ainda pode estar satisfeito ou não satisfeito com a escolha do resto dos membros. Essa visão é consistente com a conceituação de equipes atléticas como coalizões de recursos máximos. Ou seja, cada membro gostaria de fazer parte da reunião dos melhores talentos disponíveis. Portanto, é importante avaliar a satisfação do atleta com esse aspecto.

Desenvolvimento: É a eficácia do treinador em usar o talento disponível de forma coordenada para alcançar o sucesso nas competições atléticas. Os atletas individuais podem avaliar de forma positiva ou negativa a medida em que o treinador combina os traços e talentos residentes na equipe. Por exemplo, um jogador pode sentir essa combinação particular de jogadores e/ou o uso de jogadores em diferentes papéis, seria condutor de um melhor desempenho do que a combinação usada pelo treinador.

Prática: Como observado anteriormente, os atletas gastam desproporcionalmente longas horas nos treinamentos em relação ao tempo que

passaram em competições. Em adição, o processo empregado durante os treinamentos é fundamental para o desempenho subsequente na competição. Na medida em que os atletas percebem que são inapropriados ou ineficazes, é provável que estejam insatisfeitos.

Táticas de competição: O sucesso de uma equipe é amplamente determinado pelas táticas específicas adotadas pelo treinador durante as competições. Essas táticas podem ser proativas (ou seja, ações tomadas independentemente do que os oponentes fazem) ou reativas (ou seja, táticas empreendidas para combater as iniciativas dos oponentes). À medida que as táticas são dependentes de situações específicas, as várias táticas adotadas podem ser bastante distintas e, às vezes, contraditórias. Considerando que a estratégia refere-se à abordagem geral do jogo durante toda a temporada, as táticas referem-se a escolhas específicas em resposta a uma determinada situação durante uma competição.

Tratamento igual: É certamente concebível que os atletas: (a) comparem a proporção de contribuições percebidas dos resultados com os de outros membros da equipe e (b) percebem as desigualdades presentes no ambiente que não pertencem diretamente a si mesmas. Por exemplo, um membro da equipe de futebol (ou seja, além dos diretamente envolvidos na comparação) pode perceber que as contribuições trazidos para a equipe pelo atacante (por exemplo, talento, esforço, dedicação, etc.) são mais ricos do que as contribuições do centroavante. Ele pode avaliar a situação como desigual, o que, por sua vez, pode afetar seu nível de satisfação com o quão justo o treinador está em suas relações com a equipe.

Ética: O uso de medicação para melhorar o rendimento ou para aliviar a dor (*doping*), a adoção de táticas anti-desportivas, trapaças e violência excessiva são alguns dos elementos desse debate. Os atletas podem reagir de várias maneiras em relação a essas questões quando se relacionam com sua própria equipe. É importante avaliar sua satisfação ou insatisfação em relação à conduta ética do treinador ou dos membros da equipe.

Esforço do grupo: Este aspecto específico refere-se à medida em que um atleta percebe que seus colegas de equipe estão fazendo seus melhores esforços de forma coordenada para o sucesso da equipe. Esses esforços podem ser durante os treinamentos e/ou competições. Numa perspectiva diferente, este aspecto também aborda a medida em que os outros membros se envolvem em atividades sociais; ou seja, ser um membro do grupo sem contribuir para a tarefa do grupo.

Coordenação: o sucesso de uma equipe e as experiências agradáveis dos atletas também dependem da medida em que a gestão amplia seu suporte para a equipe. Isso geralmente é explícito nas instalações e equipamentos fornecidos à equipe.

Orçamento: Da mesma forma, os atletas podem estar mais ou menos satisfeitos com o orçamento total atribuído à equipe (por exemplo, orçamento para viagens).

Apoio de auxiliares: o suporte auxiliar pode ser na forma de apoio médico, comissão técnica, gerenciamento de jogos, e assim por diante.

Suporte comunitário: Embora a comunidade (incluindo comunidade em geral) nunca esteja diretamente envolvida nos assuntos da equipe, eles têm uma influência significativa sobre o quão bem a equipe faz através de seu apoio implícito e explícito à equipe. Seu significado está bem demonstrado pelo fenômeno da vantagem das competições realizadas no ambiente da equipe (competições em casa, seja no seu campo ou cidade). Também é verdade que uma comunidade pode ser indiferente aos esforços de uma determinada equipe ou grupo de atletas. Pior ainda é a possibilidade de a comunidade poder expressar abertamente seu desagrado com uma equipe. Esses fatores podem afetar a satisfação.

Fidelidade do suporte: Este aspecto refere-se à satisfação de um atleta com a lealdade demonstrada pelo treinador e/ou comissão técnica em relação à equipe como um todo.

Participação decisiva: Este aspecto refere-se à medida em que o treinador envolve os atletas na tomada de decisões relevantes para a equipe e seu desempenho. No contexto esportivo, Chelladurai e Riemer (1997) descobriram que as preferências dos atletas por sua participação na tomada de decisões variam de acordo com a forma como os atletas percebem que seu treinador corresponde à extensão da participação dos membros na tomada de decisões com requisitos situacionais.

3.1.2.3 Processos Individuais Sociais

Chelladurai e Riemer (1997) definiram processos individuais sociais como:

Apoio social: Geralmente, o apoio social "descreve o conforto, assistência e/ou informação que recebe através de contatos formais ou informais dos indivíduos ou grupos". No contexto esportivo, foi descrito como comportamento caracterizado pela preocupação com o atleta individual e essas qualidades podem ser demonstradas sem referência ao desempenho da tarefa pelo atleta. Por exemplo, um treinador pode apoiar o atleta como pessoa, apesar do seu fraco desempenho no esporte. Esse apoio social também pode ser recebido dos colegas de equipe.

Fidelidade de suporte: este aspecto refere-se à satisfação de alguém com o nível de lealdade que o treinador e/ou companheiros de equipe demonstram em relação ao atleta como indivíduo.

E, a partir da classificação, apresentada na Figura 3, Chelladurai e Riemer (1997) desenvolveram o ASQ, que será apresentado no método deste trabalho.

3.2 Estudos brasileiros realizados sobre satisfação em esportes coletivos

É importante destacar os estudos brasileiros que existem sobre a temática estudada. Em análise aos artigos brasileiros realizados e publicados entre 2011 e 2017 sobre satisfação em equipes de esporte coletivo. Todos os sete estudos realizados com modalidades coletivas foram selecionados para ser apresentados neste trabalho. Os dados estão apresentados na Figura 4.

Título e autor(es)	Objetivo	Amostragem	Resultados
Nível de satisfação do atleta e coesão de grupo em equipes de futsal adulto (Nascimento Junior <i>et al.</i> , 2011)	<ul style="list-style-type: none"> Investigar os níveis de satisfação de atletas e coesão de grupo de equipes de futsal da região noroeste do Paraná; Verificar a relação existente entre a variável satisfação do atleta e coesão de grupo. 	58 atletas do Campeonato Paranaense masculino de Futsal	As equipes com melhores níveis de satisfação dos atletas apresentaram maiores percepções de coesão de grupo; as equipes com baixo nível de satisfação pessoal obtiveram baixas percepções de coesão de grupo.
Análise do nível de satisfação e perfeccionismo de atletas profissionais de futsal do Estado do Paraná (Balbim, Nascimento Junior e Vieira, 2013)	<ul style="list-style-type: none"> Investigar os níveis de satisfação e perfeccionismo dos atletas de equipes de futsal da região noroeste do Paraná; Verificar as relações existentes entre a satisfação e o perfeccionismo. 	58 atletas do Campeonato Paranaense masculino de Futsal	Não houve correlação entre perfeccionismo e satisfação.
Nível de satisfação com a vida de atletas segundo sexo, perfil psicológico de gênero e status social subjetivo nas modalidades esportivas (Vieira, 2015)	<ul style="list-style-type: none"> Avaliar possível associação entre o nível de satisfação com a vida, com a satisfação pelo esporte, o status social subjetivo, os esquemas de gênero do autoconceito e o perfil idiocêntrico-alocêntrico nas modalidades esportivas. 	529 atletas catarinenses distribuídos em 10 modalidades individuais e 04 coletivas	Os resultados apontam que, nas modalidades individuais, e nas coletivas, a maioria dos atletas catarinenses apresentou um nível alto de satisfação com a vida e com o esporte que praticam.
Nível de coesão grupal e satisfação de atletas de rugby (Leite, Sasaki, Zanetti, Santos Abrahão, Chaves e Mendes, 2015)	<ul style="list-style-type: none"> Avaliar a coesão grupal e a satisfação de atletas de rugby durante um campeonato estadual. 	123 atletas que disputaram o Campeonato Mineiro de rugby <i>Sevens</i>	Os atletas apresentaram níveis moderado de satisfação pessoal e coesão, com ênfase do “Tratamento Pessoal” e “Interação Social”, respectivamente.
Satisfação de atletas de futsal e o tempo de experiência no esporte (Passos, Costa, Belem, Contreira, Both e Vieira, 2015)	<ul style="list-style-type: none"> Analisar o nível de satisfação de atletas do futsal paranaense em função do tempo de experiência no esporte. 	75 atletas de futsal, do sexo masculino	Atletas pouco experientes mais satisfeitos que atletas experientes.
Liderança e Satisfação no Esporte Escolar: Teste da Hipótese da Congruência do Modelo Multidimensional de Liderança (Rodrigues e Saldanha, 2016)	<ul style="list-style-type: none"> Testar se a congruência entre o comportamento preferido e percebido pelos atletas aumenta a quantidade de variância explicada da satisfação, em uma amostra de atletas escolares. 	466 atletas escolares	As análises de regressão suportam parcialmente a hipótese de que a satisfação dos atletas é dependente da congruência entre o comportamento do treinador percebido e preferido pelos atletas.
Liderança e satisfação no futebol: testagem da congruência com recurso a análise de equações estruturais (Duarte, Teques e Silva, 2017)	<ul style="list-style-type: none"> Examinar as relações simultâneas entre as preferências e percepções do comportamento do treinador e a satisfação com a liderança. 	213 atletas de futebol do sexo masculino	A preferência e percepção dos comportamentos do treinador tem papel importante na determinação das variáveis de satisfação dos atletas com a liderança.

Figura 4. Estudos brasileiros sobre satisfação publicados entre 2011 e 2017.

Fonte: Autora.

Constata-se que entre os artigos analisados que o futebol e o futsal representam as modalidades mais estudadas (54,1%). Sabe-se que o futebol é um esporte que requer da equipe processos sistemáticos de interação entre os membros, o que justifica a utilização deste esporte quando o objetivo é realizar pesquisas sobre satisfação do atleta. Considerando-se como contexto a realidade brasileira, a escolha por pesquisar equipes de futebol é ainda mais justificável, dado que o esporte é um dos principais do Brasil, país reconhecido pelo talento de seus jogadores e por equipes que já venceram as principais competições mundiais em nível de clubes e de seleções nacionais (Wachelke, Andrade, Tavares, & Neves, 2008).

É perceptível também a predominância de atletas do sexo masculino entre os estudos realizados (54,1%), justamente entre os mesmos quatro artigos que investigaram o futebol ou o futsal. Souza e Knijnik (2007), desenvolveram um estudo que se propôs a discutir gênero e esporte. Neste artigo, os autores evidenciam algumas questões, tais como, que feminino e masculino ocupam espaços diferenciados em termos de poder. O domínio do masculino é o público, o político e nele se inserem princípios de força, racionalidade, atividade, objetividade. Os homens seriam, “por natureza” mais corajosos, mais violentos, mais racionais; já as mulheres, “por natureza”, estariam mais propensas ao choro, à histeria, ao amor. E assim, baseados em critérios “naturais”, nasceram as atividades ligadas ao sexo: esportes masculinos e esportes femininos (Souza & Knijnik, 2007).

Os estudos envolvendo o futebol e o futsal objetivaram analisar a relação existente entre a satisfação e outras variáveis, tais como a coesão (Nascimento *et al.*, 2011), perfeccionismo (Balbim *et al.*, 2013), tempo de experiência no esporte (Passos, Costa, Belem, Contreira, Both, & Vieira, 2015) e as preferências e percepções do comportamento do treinador (Duarte, Teques, & Silva, 2017). Foi unânime a utilização do ASQ nestes estudos.

O estudo realizado por Nascimento Junior *et al.* (2011) envolveu a participação de 58 atletas participantes do Campeonato Paranaense de Futsal. O objetivo dos pesquisadores era correlacionar satisfação e coesão. Os resultados postularam relação proporcional entre satisfação e coesão nas equipes, ou seja, as equipes com melhores níveis de satisfação dos atletas apresentaram maiores percepções de coesão de grupo; as equipes com baixo nível de satisfação pessoal obtiveram baixas percepções de coesão de grupo. Na comparação entre as equipes, observaram-se diferenças entre três dimensões de satisfação (“Treino-Instrução”, “Desempenho da Equipe” e “Estratégia”) e em todas as dimensões de coesão; verificou-se que quanto mais satisfeitos com a instrução do treinador, o tratamento pessoal e as estratégias, mais as equipes estão coesas para a tarefa (Nascimento Junior *et al.*, 2011).

Balbim *et al.* (2013) também avaliaram 58 atletas participantes do Campeonato Paranaense de Futsal, porém com o objetivo de correlacionar satisfação e perfeccionismo. Os instrumentos envolveram, além do ASQ, uma Escala Multidimensional de Perfeccionismo (Balbim *et al.*, 2013). Para a análise dos dados, foram utilizados os testes *Kolmogorov-Smirnov*, o alfa de *Cronbach*, Anova de Medidas Repetidas, o *Post Hoc* de *Bonferroni* e o teste exato de *Fisher*, adotando $p < 0,05$. Não foram encontradas associações entre a tendência de perfeccionismo ajustado e desajustado com a satisfação dos atletas; não houve correlação entre as características do perfeccionismo e a satisfação dos atletas.

Passos *et al.*, (2015) avaliaram 75 atletas de futsal do sexo masculino com o objetivo de relacionar a satisfação com o tempo de experiência no esporte. Para isso os autores utilizaram uma ficha de identificação dos atletas com dados pessoais importantes ao estudo e o ASQ. Os autores encontraram que os atletas pouco experientes (≤ 7 anos de prática) mostraram-se mais satisfeitos quando comparados aos atletas muito experientes (≥ 8 anos de prática) nas dimensões desempenho da equipe, integração na equipe e orçamento ($p < 0,05$).

Por sua vez, Duarte *et al.* (2017) realizaram um estudo com 213 atletas do futebol do sexo masculino, visando analisar as relações entre as preferências e percepções do comportamento do treinador, bem como a satisfação com a liderança. Neste estudo foram utilizadas o ASQ juntamente com a Escala de Liderança do Treinador (ELD) (Duarte *et al.*, 2017). E os resultados demonstraram que a preferência e percepção dos comportamentos democrático, autocrático e de suporte social do treinador, têm um papel importante na determinação das variáveis da satisfação dos futebolistas com a liderança.

Já os estudos desenvolvidos por Vieira (2015), Leite *et al.* (2015) e Rodrigues e Saldanha (2016), avaliaram 529 atletas catarinenses distribuídos em 14 modalidades diferentes, 123 atletas do rúgby e 466 atletas escolares de 10 modalidades diferentes, respectivamente.

O objetivo de Vieira (2015) foi avaliar possível associação entre o nível de satisfação com a vida de atletas catarinenses do sexo masculino e feminino, com a satisfação pelo esporte, o *status* social subjetivo, os esquemas de gênero do autoconceito e o perfil idiocêntrico-alocêntrico (autoconceito relacionado a bem-estar, relacionamentos familiares, consumismo, ética e percepção grupal) nas modalidades esportivas. A autora utilizou então a Escala *MacArthur* de Status Social Subjetivo versão para jovens, o Inventário Masculino dos Esquemas de Gênero do Autoconceito Masculino e Feminino (IMEGA e IFEGA) e, por último, o Perfil Idiocêntrico-Alocêntrico. Foi encontrada relação positiva entre as variáveis, sendo que o nível de satisfação com a vida está associado com: o nível de satisfação com o esporte, o status social subjetivo na família e o perfil idiocêntrico-alocêntrico.

Leite *et al.* (2015), por sua vez, tinham o mesmo objetivo que Nascimento Junior *et al.* (2011), porém realizaram o estudo com população de 123 atletas do rúgby. Os resultados deste estudo demonstraram que as correlações entre coesão e satisfação foram fracas e moderadas entre as dimensões de ambos os questionários.

Os atletas apresentaram níveis moderado de satisfação pessoal e coesão, com ênfase do “Tratamento Pessoal” e “Interação Social”, respectivamente.

Já Rodrigues e Saldanha (2016) avaliaram 466 atletas escolares de 10 modalidades diferentes com o objetivo de testar se a congruência entre o comportamento preferido e percebido pelos atletas aumenta a quantidade de variância explicada da satisfação. Foram aplicados: questionário sociodemográfico, Escala de Liderança no Esporte (versões preferência e percepção) e ASQ-L. Foram realizadas cinco análises de regressão linear múltipla (método *enter* por blocos) para cada uma das quatro dimensões da satisfação, totalizando 20 análises. Os resultados das análises de regressão suportam parcialmente a hipótese de que a satisfação dos atletas é dependente da congruência entre o comportamento do treinador percebido e preferido pelos atletas.

3.3 Estudos empíricos: satisfação associada a outras variáveis

A satisfação é objeto de estudo dos pesquisadores das ciências sociais em diferentes contextos. Existem evidências de que o nível de satisfação do atleta esteja associado à quantidade de esforço destinado à tarefa, ao tempo em que ele está na equipe, ao nível de cooperação interpessoal no ambiente de trabalho e à sua felicidade (Riemer & Chelladurai, 1998).

Por sua vez, a satisfação do atleta tem sido analisada por vários investigadores na psicologia do esporte, que a têm incluído como uma variável antecedente ou de produto no seu trabalho conceitual (Borrego *et al.*, 2010). Por exemplo, o modelo conceitual de liderança de Chelladurai (1978) inclui a satisfação como uma variável de produto tal como a performance e/ou desempenho. Por sua vez Carron (1988) no seu modelo conceitual de coesão considera a satisfação do atleta como uma variável antecedente (por exemplo, fatores pessoais) e como uma variável de produto (por exemplo, resultados individuais).

Estudos realizados por Borrego *et al.* (2010), Eys, Loughheadb e Hardy (2007), Lopes *et al.*, (2007) demonstraram que a satisfação do atleta é diretamente afetada por elementos específicos da liderança do treinador. Segundo Borrego *et al.* (2010), inicialmente a liderança estava de acordo apenas através de um item dos inventários de satisfação, enquanto o ASQ coleciona informação sobre a forma como treinador emprega as habilidades dos atletas, seleciona e utiliza estratégias, treina e proporciona instrução aos atletas, e como o treinador trata o atleta (componente social). A equipe também é identificada como uma fonte de satisfação no ASQ. Para os autores, os membros da equipe têm um papel muito importante como facilitadores da performance individual, enquanto proporcionam também suporte social, sendo este, parte integrante da experiência no esporte. Também a liderança entre pares, atletas (por exemplo, Tarefa, social e de suporte) se apresenta positivamente relacionada com a satisfação dos atletas com o desempenho da equipe e a integração da equipe (Borrego *et al.*, 2010; Çakioglu, 2003; Eys *et al.*, 2007).

Segundo Altahayneh (2003), a satisfação do atleta relaciona-se de forma negativa com o *burnout* dos atletas. Dessa forma, pode-se dizer que atletas satisfeitos apresentam níveis mais baixos de *burnout* se comparados com atletas menos satisfeitos. A percepção de imprecisão de papel/função no esporte pode também levar a níveis mais baixos de satisfação dos atletas (Eys *et al.*, 2003; Hoper, 2006). Hoper (2006), em seu estudo, afirmou que a satisfação do atleta com o seu papel foi o único preditor da coesão de grupo em relação à atração individual no grupo em relação à tarefa.

A maior parte da literatura internacional que versa sobre a satisfação do atleta engloba estudos associados a liderança (Rierner & Chelladurai, 1995; Rierner & Toon, 2001; Çakioglu, 2003; Andrew, 2009). Tais estudos foram apresentados e discutidos no início deste capítulo.

4 COESÃO DE GRUPO

O nível de satisfação do atleta pode ser associado a outros aspectos do ambiente esportivo, como o grau de coesão de uma equipe (Nascimento Junior *et al.*, 2011). Rubio (1999) aponta que a maior qualidade de uma equipe é ser coesa, eficiente e eficaz, desta forma, existe um empenho por parte dos técnicos e dos atletas para conhecer e aperfeiçoar suas habilidades de comunicação, cooperação e de convivência.

A satisfação tem sido fortemente relacionada com a coesão de grupo tanto na literatura profissional e educacional, com níveis regulares de satisfação associados a altos níveis de coesão grupal (Cruz & Antunes, 1997; Gomes, Pereira, & Pinheiro, 2008; Gomes & Machado, 2010; Nascimento Junior *et al.*, 2011; Leite *et al.*, 2015).

O termo coesão é originado da palavra latina *cohaesus* que significa aderir ou manter-se unido (Carron, 1988). Segundo Borrego *et al.* (2010), no campo da física e da química, coesão refere-se às forças que atrelam as moléculas numa determinada substância. Em psicologia, e de uma forma geral em ciências sociais, utiliza-se uma comparação parecida pois o termo coesão delineia o processo de manter os membros de pequenos grupos ou de identidades sociais mais abrangentes, unidos em graus diferenciados (Borrego *et al.*, 2010).

Em 1950, Festinger, Schacter e Back definiram coesão como “o campo total de forças que agem para que os membros permaneçam no grupo” (p. 164). Desde 1950, várias outras definições de coesão de grupo foram sugeridas, embora a proposta por Carron *et al.* (1998) pareça ser a mais abrangente. Estes autores definiram coesão como um processo dinâmico que é refletido na intenção de um grupo ficar e permanecer unido na busca de seus objetivos. Isso enfatiza a ideia de que a coesão é multidimensional (muitos aspectos estão associados à razão para um grupo se unir), dinâmica (a coesão em uma equipe pode se transformar com o tempo), instrumental

(os grupos são criados com uma finalidade) e afetiva (as instruções sociais dos membros determinam os sentimentos entre os membros do grupo) (Weinberg & Gould, 2017).

A definição de coesão como multidimensional faz referência à coesão como uma combinação de dimensões de tarefa e social (Weinberg & Gould, 2017). Festinger *et al.* (1950) já acreditavam que dois tipos diferentes de forças agem sobre os membros de um grupo. A primeira classe de forças, a atratividade do grupo, refere-se ao desejo do indivíduo de ter interações interpessoais com outros membros do grupo e um desejo de estar envolvido nas atividades do grupo. A segunda classe de forças, o controle dos meios, refere-se aos benefícios que um membro pode obter por estar associado ao grupo.

Spink e Carron (1992) definiram a coesão baseada em duas dimensões: a de tarefa e a social. Para os autores a coesão de tarefa reflete o grau com que membros de um grupo trabalham juntos para alcançar objetivos comuns. No esporte, um objetivo comum seria vencer um campeonato, o que, em parte, depende do trabalho da equipe (Weinberg & Gould, 2017). A coesão social, por outro lado, reflete o grau com que os membros de uma equipe gostam uns dos outros e apreciam a companhia uns dos outros. Coesão social geralmente é nivelada à atração interpessoal (Spink & Carron, 1992).

O conceito proposto por Carron *et al.* (1998) assumiu duas classes de percepções dos membros. A primeira refere-se à integração grupal, que representa a percepção dos membros do grupo como uma totalidade e a segunda refere-se à atração do grupo que representa a atração pessoal de cada membro pelo grupo. Deve-se notar que essas duas dimensões podem ser divididas em orientação para tarefa (por exemplo, motivação para alcançar os objetivos do grupo) e orientação social (por exemplo, motivação para desenvolver e manter relações sociais e atividades no grupo) (Carron *et al.*, 1998). Sabe-se que a relação entre liderança,

coesão e desempenho é complexa, porém o estilo de decisão do treinador e a compatibilidade com os atletas podem ter uma influência no nível de coesão dentro da equipe (Carron, 1993).

A coesão da equipe é diretamente influenciada pelas características individuais dos membros do grupo (Rubio, 1999). A atração individual pelo grupo, por exemplo, representa as motivações que influenciam o indivíduo a permanecer no grupo, ou seja, uma mistura de sentimentos individuais dos membros a respeito do grupo, seu envolvimento com seu papel pessoal e envolvimento com outros membros do grupo (Hernandez & Gomes, 2002).

Carron, Widmeyer e Brawley (1985), desenvolveram um modelo hierárquico de coesão (Figura 5), com aplicação no contexto esportivo (Borrego *et al.*, 2010), baseado em duas dimensões, tarefa-social e individual-grupo.

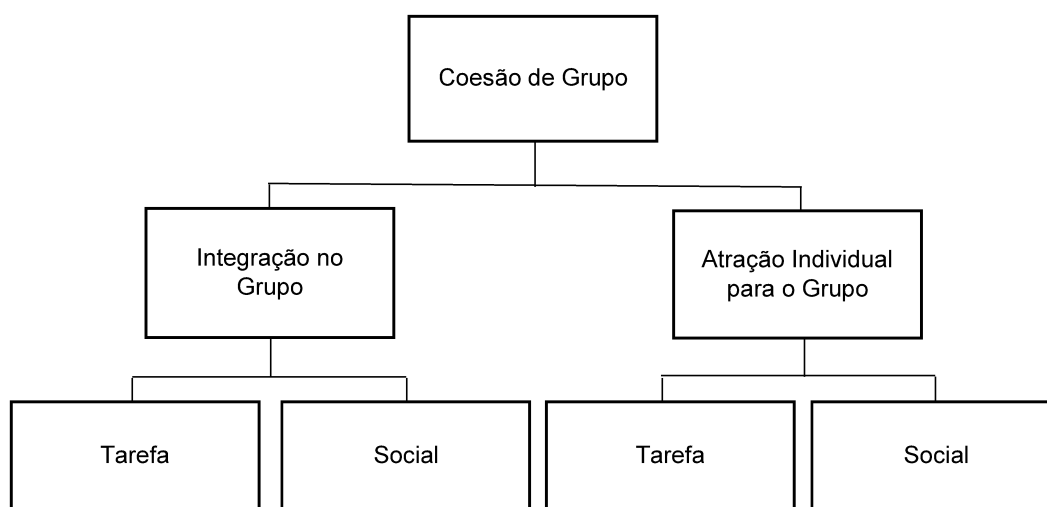


Figura 5. Modelo conceitual de coesão de grupo

Fonte: Adaptado de Carron *et al.* (1985)

Em consonância com o modelo desenvolvido por Carron *et al.* (1985), os mesmos autores apresentam um instrumento delineado para o contexto esportivo que foi chamado de *Group Environment Questionnaire* (Questionário de Ambiente de Grupo – GEQ), constituído por quatro dimensões: 1) Integração no Grupo Tarefa (GI-

T), 2) Integração no Grupo Social (GI-S), 3) Atração Individual para Grupo-Tarefa (AI-T), 4) Atração Individual para Grupo Social (AI-S). Este questionário será apresentado com mais detalhes no capítulo 6 deste trabalho.

4.1 Estudos realizados sobre coesão em esportes coletivos

Senecal, Loughhead e Bloom (2008) desenvolveram um estudo com 86 atletas de oito equipes de basquete no Canadá com o objetivo de determinar se a implementação de um programa de intervenção de *team building* (cujo objetivo é estreitar os vínculos existentes entre os membros de um grupo de trabalho) ao longo de uma temporada, associada ao estabelecimento de metas, poderia ser relacionada ao aumento da percepção de coesão das atletas. As participantes da pesquisa foram divididas em dois grupos (um grupo com definição de metas e outro sem). O instrumento utilizado foi o GEQ que foi aplicado em todas as atletas no início e no final da temporada. Os resultados revelaram que no início da temporada, atletas de ambas os grupos não diferiram em suas percepções de coesão. No entanto, no final da temporada, atletas na condição de estabelecimento de metas apresentaram maior percepção de coesão do que o grupo controle. O que aponta para o estabelecimento de metas como uma ferramenta eficaz de *team building* para influenciar a coesão de grupos esportivos.

Marcos, Miguel, Oliva e Calvo (2010) estudaram equipes amadoras de basquete e futebol. O objetivo dos autores foi avaliar as relações entre coesão, auto-eficácia, percepções dos treinadores da eficácia dos seus jogadores a nível individual e percepções dos atletas da eficácia dos seus companheiros de equipe. Para avaliar a coesão, optaram pela aplicação do *Multidimensional Sport Cohesion Instrument* (Instrumento de Coesão Multidimensional no Esporte – MSCI). Os resultados indicaram correlações significativas apenas entre auto-eficácia e coesão.

Estudo realizado com equipes de futebol do Irã objetivou avaliar a relação entre os estilos de liderança do treinador e a coesão de grupos durante a temporada 2006-2007 da liga profissional das equipes de futebol do Irã (Ramzaninezhad & Keshtan, 2009). 264 atletas de 12 equipes diferentes de futebol responderam à Escala de Liderança para o Esporte (LSS) e ao GEQ, ambos no final do campeonato. O resultado indicou que as equipes de futebol bem-sucedidas tendem a ser mais coesas e seus treinadores apresentaram níveis mais elevados de comportamento de apoio social e democrático. Em geral, os resultados apoiam a relação significativa entre a coesão da equipe e o comportamento de liderança, e destacam a interdependência nos esportes em equipe, o que pode afetar significativamente a necessidade de coesão da equipe que contribui para o sucesso da equipe.

Equipes de vôlei do Irã também foram avaliadas durante liga profissional (2008), com o objetivo de avaliar a relação das variáveis eficácia coletiva, coesão e desempenho de equipe. Foram avaliados 153 atletas de 13 equipes que responderam ao Questionário de Eficácia Coletiva (CEQ) e ao GEQ. Os resultados revelaram que a dimensão da coesão relacionada com a tarefa apresentou correlação positiva com a eficácia coletiva. A comparação da eficácia coletiva e dos níveis de coesão do grupo de equipes bem sucedidas, menos bem sucedidas e mal sucedidas demonstrou uma relação positiva entre coesão e eficácia coletiva com o desempenho da equipe. Em geral, os resultados suportam a relação significativa entre coesão grupal e eficácia coletiva e destacam a interdependência no esporte em equipe, o que pode afetar significativamente a necessidade de coesão grupal e eficácia coletiva que contribuem para o desempenho da equipe.

Os estudos brasileiros realizados sobre coesão, na maioria das vezes associa essa variável à satisfação de equipe, como apresentado no capítulo anterior (Gomes *et al.*, 2008; Nascimento Junior *et al.*, 2011). Contudo, Nascimento Junior *et al.* (2011) realizaram um estudo com 58 atletas do Campeonato Paranaense masculino de futsal

que responderam ao GEQ com o objetivo de analisar a percepção de coesão de grupo. Os resultados apontaram para boas percepções de coesão de grupo nas dimensões sociais e da tarefa; verificou-se que a coesão para a tarefa foi predominante em relação à social para os atletas avaliados; na comparação entre as equipes piores e melhores classificadas, as piores classificadas apresentaram maior integração para a tarefa e atração individual social que as melhores classificadas; observou-se que quanto mais atraídos individualmente os atletas estão, maior é a integração e união da equipe para o alcance das metas e objetivos. Concluiu-se que no contexto esportivo profissional os atletas estão envolvidos e focados para a tarefa, não destinando tanta importância para os aspectos sociais da coesão.

5 JUSTIFICATIVA E OBJETIVOS

A relação entre o esporte e a psicologia tem início no século XIX a partir das investigações sobre aspectos psicofisiológicos e atividade física (Rose Junior, 2000). Atualmente a Psicologia do Esporte já se tornou uma disciplina científica independente, que possui suas próprias teorias, métodos e programas de treinamento (Samulski, 2002).

A revisão de literatura apresentada por Andrade *et al.* (2015) mostra que, apesar do aumento da produção relacionada a Psicologia do Esporte nos periódicos entre 2010 e 2012, ainda pouco é produzido sobre o tópico Psicologia do Esporte. Segundo levantamento dos autores, dentre as categorias e variáveis mais estudadas, estão a liderança, a ansiedade e a influência dos pais na prática esportiva dos filhos. Por outro lado coesão, satisfação, personalidade, estados de ânimo, de humor e motivacionais e agressividade também são temas da Psicologia do Esporte e foram investigados com frequência muito menor (Andrade *et al.*, 2015).

A satisfação está relacionada com as reações dos membros do grupo às suas expectativas e tem sido medida por meio de questionários (Chelladurai, 2007; Riemer & Chelladurai, 1998). A coesão refere-se a tendência de um grupo se unir e permanecer unido na busca de seus objetivo e metas (Carron *et al.*, 1998). Já o desempenho reflete os objetivos do grupo e tem sido frequentemente apresentado nas pesquisas através do número de vitórias, pontos conquistados no campeonato, percentual de vitórias e derrotas ou a diferença entre pontos marcados e pontos sofridos (Courneya & Chelladurai, 1991).

Para Weinberg e Gould (2017), satisfação e coesão são bastante semelhantes, exceto pelo fato de que coesão diz respeito a grupos, enquanto satisfação é um construto individual. Embora pesquisadores tenham encontrado relações consistentemente fortes entre coesão e satisfação, dois modelos diferentes, que

envolvem a variável desempenho, são usados para explicar a relação entre coesão e satisfação (Weinberg & Gould, 2017).

Um modelo (a) postula uma relação circular, em que a coesão da equipe leva ao sucesso, que leva a sentimentos de satisfação, que tendem a fortalecer e a reforçar a coesão da equipe (Weinberg & Gould, 2017). O outro modelo (b) postula uma relação circular em que o sucesso do desempenho leva a maior coesão, que, por sua vez, leva a maior satisfação (Weinberg & Gould, 2017). Portanto, ambos os modelos sugerem que há, na verdade, relações entre satisfação, coesão e desempenho. Entretanto o primeiro modelo (a) sugere que a coesão fortalece diretamente o desempenho, enquanto o segundo modelo (b) afirma que o sucesso do desempenho leva a coesão. Seja como for, os líderes fazem bem em desenvolver a coesão do grupo, porque estar em um grupo coeso é gratificante e melhora o desempenho, indireta e diretamente (Weinberg & Gould, 2017).

Para Rodrigues (2014), a utilização do desempenho para avaliação no esporte apresenta importantes limitações, em função de três aspectos. O primeiro postula que as medidas de desempenho são suscetíveis a fatores como o desempenho extraordinário do adversário, erro de arbitragem ou situações fortuitas (por exemplo, piso inadequado, iluminação deficiente, dificuldades relacionadas à altitude) (Rodrigues, 2014). O segundo aspecto, de acordo com Rodrigues (2014) é que em algumas ocasiões, mesmo os perdedores da competição podem manifestar-se satisfeitos em relação ao esforço individual e do grupo, ao trabalho em equipe e ao treinamento que receberam, porém os índices de desempenho não são capazes de detectar isso. Finalmente, os autores afirmam que a análise do processo de liderança apenas pelo desempenho nos jogos (vitória x derrota) é falha porque não representa toda a experiência esportiva do atleta (Courneya & Chelladurai, 1991; Chelladurai & Riemer, 1997; Chelladurai, 2007).

Estudar satisfação é importante visto que ela é a resposta que o atleta dá para as ações da equipe. Conhecer estas respostas permite que as mesmas sejam otimizadas. Além disso, visando a melhoria de características gerais das equipes, a principal questão que permeia boa parte dos estudos sobre elas refere-se a como minimizar os possíveis riscos do trabalho em conjunto e como viabilizar e potencializar todas as oportunidades e os benefícios que este tipo de trabalho pode trazer (Campion, Medsker & Higgs, 1993).

Sendo assim, estudar a coesão de grupos é visto como um ponto de partida importante, tendo em vista que a coesão é considerada como um dos fatores centrais para ajudar a compreender a dinâmica do trabalho em equipe. Neste sentido, investigar ambas as variáveis, satisfação do atleta e coesão de grupo, torna-se importante.

Para condução desta pesquisa, foi escolhido o contexto das equipes de esporte coletivo amador, uma vez que, ainda não foi desenvolvido no Brasil estudo que foque nas possíveis correlações existentes entre as variáveis satisfação e coesão em diferentes modalidades de esportes coletivos. Sabe-se que a estrutura e a dinâmica de cada modalidade demanda um movimento específico à equipe esportiva. Nesse sentido, as determinadas equipes merecem formas de intervenção e manejo adequadas às suas especificidades (Rubio, 2003). As equipes que participaram da pesquisa representaram as modalidades: futebol, basquete, vôlei e rugby, todas do interior de Minas Gerais e São Paulo.

Portanto, este estudo pretende preencher uma lacuna existente na literatura sobre o assunto. Uma extensa pesquisa bibliográfica demonstrou que há trabalhos acerca de equipes que estudam a satisfação associada a outras variáveis (Riemer & Chelladurai, 1995; Riemer & Toon, 2001, Çakioglu, 2003; Eys *et al.*, 2003; Hoper, 2006; Lopes *et al.*, 2007; Andrew, 2009; Borrego *et al.*, 2010), coesão associada a outras variáveis (Senecal *et al.*, 2008; Ramzaninezhad & Keshtan, 2009; Marcos *et al.*,

2010; Nascimento Junior *et al.*, 2011) e satisfação associada a coesão (Gomes *et al.*, 2008; Gomes *et al.*, 2010; Nascimento Junior *et al.*, 2011; Leite *et al.*, 2015), porém nenhuma pesquisa foi desenvolvida com o objetivo de avaliar a relação dessas variáveis em equipes de esporte coletivo de diferentes modalidades.

Espera-se por meio deste estudo, contribuir para que sejam exploradas variáveis importantes para as equipes de esporte coletivo. Sendo assim possível, a identificação de estratégias eficazes para o desenvolvimento de projetos e programas interventivos.

Foram objetivos deste trabalho:

1. Investigar os níveis de satisfação de atletas e de coesão de grupo de equipes de esporte coletivo, isolada e comparativamente.
2. Verificar as correlações existentes entre a variável satisfação do atleta e coesão de grupo.

6 MÉTODOS

6.1 Modalidades

Participaram do estudo atletas das modalidades futebol, basquete, vôlei e rúgby. Através da revisão de literatura foi feita a identificação das modalidades que podem ser caracterizadas como esportes coletivos interativos. Posterior avaliação da pesquisadora de quais destas modalidades eram mais praticadas na região dos estados de Minas Gerais e São Paulo através de levantamento informal de campeonatos regionais e quantidade de equipes formadas participando destas competições, chegou-se às quatro modalidades.

6.1.1 Futebol

O futebol é um dos esportes mais populares do planeta, tendo assumido sua forma moderna na Inglaterra e disseminando-se rapidamente pelo mundo por meio de marinheiros, trabalhadores, colonizadores e estudantes ingleses (Wachelke *et al.*, 2008). É um esporte que requer da equipe processos sistemáticos de interação entre os membros. Considerando-se como contexto a realidade brasileira, a escolha por pesquisar, entre outras, equipes de futebol é justificável dado que o esporte é um dos principais do Brasil, país reconhecido pelo talento de seus jogadores e por equipes que já venceram as principais competições mundiais em nível de clubes e de seleções nacionais (Wachelke *et al.*, 2008).

O futebol é um esporte disputado num campo retangular por duas equipes que devem ter 11 jogadores de cada lado, sendo 10 em campo e um goleiro. É proibido o uso das mãos para o manejo da bola, entretanto podem serem usados os pés, as pernas, o tronco e a cabeça. Cada partida tem 90 minutos e é dividida em dois tempos de 45 minutos cada. O objetivo dos jogadores em campo é tentar introduzir a bola no gol da equipe adversária. Uma partida de futebol é vencida pela equipe que marcar um maior número de gols.

É uma modalidade comum em muitos eventos de âmbito internacional, tais como os Jogos Olímpicos. Existem muitos torneios de futebol pelo mundo, sendo os principais: a Copa do Mundo FIFA, o Campeonato Europeu de Futebol e a Copa Libertadores da América. A instituição internacional responsável pela organização e fiscalização de eventos, bem como a regulação e manutenção das regras do esporte é a Federação Internacional de Futebol (FIFA).

6.1.2 Basquete

O basquete foi criado, em 1891, pelo professor de Educação Física da *Young Men's Christian Association* (YMCA), James Naismith, na cidade de Springfield, Estado de Massachussets, Estados Unidos (Fonseca, Pires, Borges, & Hunger, 2006). Segundo Fonseca *et al.* (2006) a criação desse esporte se deu em função de um inverno rigoroso, com o objetivo de que pudesse ser praticado por um grande número de pessoas, que não fosse violento e pudesse ser adaptado a um local fechado. Atualmente, o basquete é praticado por um número significativo de pessoas, seja na escola, em clubes, centros esportivos de treinamento, etc. (Fonseca *et al.*, 2006).

O basquete é disputado por duas equipes, cada uma com 5 jogadores. É uma modalidade esportiva que envolve, segundo Daiuto (1991), 5 princípios básicos: a bola deve ser esférica e grande; o jogador não pode correr com a bola; a bola deve ser passada com as mãos; não pode haver contato corporal; e o alvo deve ser colocado horizontalmente. Em função de sua tática, técnica, regras e elementos emocionais, o jogo de basquete é absolutamente imprevisível e com inúmeras novas situações-problema se apresentando a todo momentos (Lovatto & Galatti, 2007).

Os jogos tem duração de quatro períodos de 10 minutos de tempo útil cada, com um intervalo de meio tempo entre o segundo e o terceiro período com uma duração de 15 minutos, e com intervalos de dois minutos entre o primeiro e o segundo período e entre o terceiro e o quarto período. O objeto usado é uma bola e o objetivo

principal do basquete é a marcação de pontos, que são feitos ao fazer com que a bola atavesse um alvo (cesto), colocado, num plano elevado, horizontalmente nas extremidades da quadra.

É um esporte de grande popularidade em âmbito internacional e constitui vários torneios, tais como o célebre *National Basketball Association* (NBA) nos Estados Unidos, a Euroliga em países europeus, o Mundial da Federação Internacional de Basquetebol (FIBA) e os Jogos Olímpicos. A instituição responsável pela regulação e manutenção das regras do esporte, bem como a organização e fiscalização de eventos é a FIBA.

6.1.3 Vôlei

Os primeiros saques do vôlei foram dados pelo professor William Morgan, da YMCA em Massachusetts nos Estados Unidos no ano de 1895 com a criação do jogo Mintonette (Matias & Greco, 2011). Neste jogo havia a combinação de elementos do basquete, do tênis e do handebol americano. Três anos antes havia sido criado, na mesma instituição, o basquete e devido ao contato físico, as pessoas o achavam um tanto violento (Matias & Greco, 2011).

A quadra de vôlei é atravessada por uma rede, que a divide em dois campos, de forma que cada campo só pode ser ocupado pela sua respectiva equipe. Cada time é composto por 6 jogadores em quadra. Após o saque (movimento que dá início à partida), cada time só pode tocar a bola três vezes, sendo proibido que um jogador toque a bola duas vezes seguidas.

A duração de uma partida de volei é definida por meio de sets. Um set é ganho pela equipe que alcança 25 pontos primeiro com uma diferença de dois pontos da outra equipe. Em caso de igualdade a 24-24, o jogo continua até haver uma diferença de dois pontos (26-24, 27-25, 32-30, etc). Todos os sets são jogados segundo o sistema de pontuação contínua. Um jogo é ganho pela equipe que vencer 3 sets. Num

jogo em que seja necessário recorrer ao 5º set, este será jogado somente até aos 15 pontos, sendo também necessário existir uma diferença de dois pontos entre as equipes. Se o resultado estiver em 14-14, o jogo prossegue até existir uma diferença de dois pontos.

O objeto usado para a prática de vôlei é uma bola e o objetivo principal do jogo consiste na marcação de pontos ao mandar a bola para o campo adversário e fazer com que ela toque o chão. É um esporte de popularidade significativa em grande parte do mundo, e está presente em muitos torneios e eventos esportivos de âmbito internacionais, tais como os Jogos Olímpicos e os Jogos Panamericanos. A instituição responsável pela organização de eventos e da regulação das regras é a *Fédération Internationale de Volleyball* (FIVB).

6.1.4 Rúgby

Criado por ingleses no final do século XIX, o rúgby é um esporte coletivo de contato que deu origem a vários esportes, tais como: o futebol e futebol americano (Barbosa, da Silva, Bilória, Campos, & Campos, 2012). Atualmente, o rúgby é o segundo esporte mais praticado no mundo e vem crescendo no Brasil (Moreno, 2012). No Brasil, é um esporte que está em rápido desenvolvimento, tanto na prática quanto na área científica (Lopes *et al.*, 2007), possibilitando aprimoramento das variáveis intrínsecas e extrínsecas inerentes ao desempenho esportivo dos atletas. É uma modalidade que pode ser classificada como coletiva, de interação com o adversário e de invasão ou territorial (Moreno, 2012).

Existem duas modalidades principais do rúgby, a tradicional (conhecida como 15-*a-side*) com 15 jogadores de cada equipe e a modalidade reduzida (também conhecida como *Sevens*) com 7 jogadores de cada lado. Na modalidade de 15 jogadores, uma partida é disputada em 2 tempos de 40 minutos cada. Após o fim de 40 minutos, o jogo se encerra quando a bola sair de campo, quando forem anotados

pontos ou quando o time em posse da bola cometer uma falta. No *Sevens*, são 2 tempos de 7 minutos.

O objetivo do jogo de rúgby é avançar com a bola, de modo que esta só pode ser passada com as mãos para trás. É permitido que a bola seja chutada para frente, para conduzir a bola para frente, os jogadores devem usar apenas os pés. Esta aparente contradição cria a necessidade de que seja desenvolvido um bom trabalho de equipe e muita disciplina, uma vez que pouco resultado pode ser obtido por um atleta individualmente. Somente trabalhando em equipe os atletas conseguem mover a bola para frente na direção da linha de gol dos adversários e eventualmente vencer o jogo. A equipe vencedora é aquela que consegue marcar mais pontos.

Um dos eventos de maiores âmbitos do esporte em questão é a Copa do Mundo de Rúgby. A instituição responsável pela regulação das regras do esporte e da organização e fiscalização dos eventos de grande âmbito é a *International Rúgby Football Board* (IFRB).

6.2 Participantes

Foram convidadas a fazer parte do estudo equipes adultas amadoras de basquete, rúgby, vôlei e futebol classificadas para campeonatos estaduais, de Minas Gerais e São Paulo, de alto nível no início do ano de 2016, totalizando 34 equipes. Dessas equipes, 10, num total de 138 atletas, consentiram voluntariamente em participar do estudo, por meio da assinatura do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE).

A amostra deste estudo então foi composta por 138 atletas de 10 equipes amadoras de diferentes modalidades (basquete, rúgby, vôlei e futebol). Todos os atletas estavam vinculados a equipes do interior de Minas Gerais e São Paulo, as quais disputaram campeonatos estaduais dos respectivos estados no ano de 2016.

Não houve distinção de sexo, tempo de prática do esporte ou outras características. A participação foi individual e teve caráter voluntário.

A composição da amostra foi de 22,5% (31 participantes) de atletas de três equipes diferentes de basquete sendo duas do estado de São Paulo e uma de Minas Gerais; 25,3% (35 participantes) de duas equipes de rugby sendo uma do estado de São Paulo e outra de Minas Gerais; 29,7% (41 participantes) de três equipes de vôlei sendo duas do estado de São Paulo e uma de Minas Gerais; e 22,5% (31 participantes) de duas equipes de futebol do estado de Minas Gerais (Tabela 1).

Tabela 1

Caracterização de amostra quanto a equipe que participam		
Esporte coletivo	Qtd de equipes	Qtd de atletas
Futebol	2	31
Basquete	3	31
Vôlei	3	41
Rugby	2	35
	10	138

Nota. Fonte: Dados coletados.

6.3 Instrumentos

Neste estudo foram utilizadas duas escalas psicometricamente validadas: Questionário de Satisfação do Atleta (versão liderança) e Questionário de Ambiente de Grupo.

6.3.1 Questionário de Satisfação do Atleta (ASQ)

Desenvolvido por Riemer e Chelladurai (1998), o ASQ é composto por 56 itens divididos em 15 dimensões, e apresenta uma escala tipo *likert* para as respostas, variando entre “nem um pouco satisfeito” (1, 2 e 3), “moderadamente satisfeito” (4 e 5) e extremamente satisfeito” (6 e 7). O ASQ foi validado com uma amostra de 614 atletas de 14 universidades canadianas das modalidades de basquete, hóquei em gelo e vôlei (Riemer & Chelladurai, 1998).

As dimensões do ASQ contemplam os seguintes componentes propostos da satisfação do atleta: desempenho individual, desempenho da equipe, utilização da

habilidade, estratégia, tratamento pessoal, treino e instrução, contribuição da equipe para a tarefa, contribuição da equipe para o social, ética, integração na equipe, dedicação pessoal, orçamento, equipe médica, serviço de apoio acadêmico e agentes externos (Rierner & Chelladurai, 2002). A forma pela qual o ASQ foi elaborado permite que os pesquisadores abranjam em suas investigações as dimensões mais relevantes para o contexto do estudo (Rierner e Chelladurai, 1998).

Borrego e Alves (2006) fizeram a tradução e adaptação do ASQ para a língua portuguesa (Portugal). Neste processo, uma das dimensões (Serviço de apoio acadêmico) foi retirada da escala, pois não foi considerada adequada para o contexto esportivo português. Assim, a escala foi constituída por 53 itens distribuídos em 14 dimensões. Posteriormente, Borrego *et al.* (2010) testaram esta versão portuguesa em uma amostra de 527 atletas de várias modalidades (basquete, handebol, futebol e vôlei), ambos os sexos e com idade entre 11 e 30 anos. O resultado da análise fatorial confirmatória e da consistência interna mostraram-se adequados, confirmando a validade da ASQ versão portuguesa.

Para avaliar a satisfação dos atletas, a versão liderança do ASQ (ASQ-L) tem sido frequentemente utilizada (Altahayneh, 2003; Lopes *et al.*, 2007; Rodrigues, 2014). A versão liderança do ASQ foi adaptada e validada para a língua portuguesa por Lopes (2006), a partir do questionário desenvolvido originalmente por Rierner e Chelladurai (1995). O processo foi baseado nos métodos de tradução e tradução reversa (*back translation*), análise da consistência interna e análise fatorial confirmatória. A amostra do estudo foi composta por 215 atletas juvenis de vôlei, de ambos os sexos. As quatro dimensões do ASQ-L tiveram a consistência interna adequada (α Cronbach > 0,82), e a análise fatorial confirmatória indicaram valores aceitáveis. Segundo os autores, a utilização da ASQ-L no Brasil é válida e confiável.

O ASQ-L é composto por quatro das 15 dimensões da escala. São as dimensões que compõem o ASQ-L: desempenho da equipe, desempenho individual,

treino-instrução e tratamento pessoal. Segundo Riemer e Chelladurai (1998), as dimensões treino e instrução e tratamento pessoal se referem à satisfação do atleta com o comportamento de liderança do treinador, enquanto as dimensões desempenho individual e desempenho da equipe avaliam a satisfação com os resultados do processo de liderança. Além disso, dos 56 itens que compõem o ASQ, apenas 14 formam o ASQ-L, conforme demonstrado na Figura 6, que apresenta as dimensões, seguidas das respectivas descrições e aponta quantos itens compõem cada dimensão do questionário.

Dimensão	Descrição	Nº itens
Desempenho da Equipe	Satisfação do atleta com o nível de desempenho da sua equipe (desempenho geral e alcance de metas).	3
Desempenho individual	Satisfação do atleta com seu próprio desempenho (desempenho geral, aumento no desempenho e alcance de metas).	3
Treino e instrução	Satisfação com o treinamento e as instruções dadas pelo treinador.	3
Treino pessoal	Satisfação com os comportamentos do treinador que afetam diretamente o desempenho individual e indiretamente o desempenho do grupo. Inclui o suporte social e <i>feedback</i> positivo.	5

Figura 6. Dimensões do ASQ

Fonte: Adaptado de Lopes *et al.*, 2007.

A validade e confiabilidade do ASQ-L foram fornecidas por Riemer e Toon (2001). A consistência interna foi adequada (α Cronbach > 0,7), sendo que em 12 das 15 dimensões o resultado foi maior que 0,85. Já a validade da versão ASQ-L foi verificada por Riemer e Toon (2001). A amostra do estudo foi composta por 148 atletas universitários de tênis, de ambos os sexos. A consistência interna (α Cronbach) estimada para as quatro dimensões da ASQ-L variou de 0,90 e 0,93. Os resultados da análise fatorial confirmatória também foram adequados, confirmando a validade psicométrica do instrumento. Posteriormente ao estudo de Riemer e Toon (2001), diversas outras publicações foram apresentadas com os resultados das avaliações

para consistência interna das dimensões que compõem o ASQ –L. Quanto à confiabilidade do questionário por dimensão a Tabela 2 apresenta os resultados de pesquisas nacionais e internacionais realizadas na área esportiva.

Tabela 2

Índice alpha de Cronbach para as dimensões do ASQ-L em diversos estudos

Pesquisa	Amostra	Dimensões do ASQ-L			
		TI	TP	DI	DE
Altahauneh (2003)	Atletas universitários da Jordânia	0,82	0,86	0,84	0,81
Andrew (2009)	Atletas universitários de tênis	0,95	0,95	0,88	0,91
Çakioglu (2003)	Atletas do futebol da Turquia	0,90	0,86	0,60	0,86
Borrego <i>et al.</i> (2010)	Atletas portugueses de várias modalidades	0,90	0,94	0,76	0,90
Lopes <i>et al.</i> (2007)	Atletas juvenis de vôlei	0,83	0,92	0,82	0,83
Rierner e Toon (2001)	Atletas universitários de tênis	0,90	0,93	0,92	0,91

Nota. Fonte: Adaptado de Lopes *et al.*, 2007 e Rodrigues, 2014.

A partir da Tabela 2, pode-se observar que, nos estudos apresentados, os resultados para a consistência interna nas dimensões que compõem o ASQ-L foram adequados ($>0,70$). Assim, os diversos itens do questionário medem o mesmo construto geral e produzem resultados semelhantes.

Portanto, os resultados apresentados na literatura indicam a validação psicométrica do ASQ para a avaliação da satisfação dos atletas, seja na sua versão original na língua inglesa ou em outras versões adaptadas, como na língua portuguesa.

6.3.2 Questionário de Ambiente de Grupo

Elaborado por Carron *et al.* (1985), traduzido e adaptado para o português por Mendes, Serpa e Bartólo (1993), o GEQ objetiva avaliar a coesão de equipes esportivas adultas, sendo validado com uma amostra de atletas adultos (a partir de 17 anos) de diferentes modalidades esportivas. A terminologia ambiente de grupo é utilizada com o objetivo de delimitar o clima social de grupos e equipes (García-Dantas & Tubío, 2011).

O GEQ é composto por 16 itens que avaliam a coesão de grupo em equipes esportivas e são distribuídos nas quatro dimensões apresentadas na Figura 7. As respostas são dadas em uma escala do tipo *Likert* de nove pontos que variam de “discordo totalmente” (1) a “concordo totalmente” (9). As pontuações mais altas significam valores mais elevados de coesão em cada uma das dimensões.

Dimensão	Descrição	Nº itens
Integração no Grupo-Tarefa (GI-T)	Sentimentos individuais dos membros em relação à semelhança e à proximidade da equipe quanto às tarefas a realizar.	5
Integração no Grupo-Social (GI-S)	Sentimentos e percepções individuais dos membros da equipe quanto à semelhança e à proximidade no interior da equipe como um todo, como unidade social.	4
Atração Individual para Grupo-Tarefa (AI-T)	Sentimentos individuais dos membros sobre seu envolvimento pessoal com as tarefas, a produtividade, as metas e os objetivos do grupo.	3
Atração Individual para Grupo-Social (AI-S)	Sentimentos individuais dos membros sobre seu envolvimento pessoal, a aceitação e a interação social com o grupo.	4

Figura 7. Dimensões do GEQ

Fonte: Adaptado de Nascimento Junior, Vieira, Rosado e Serpa, 2012.

O GEQ foi adaptado e validado para a língua portuguesa por Costa (2005), a partir do questionário desenvolvido originalmente por Carron *et al.* (1985). O GEQ é composto por 18 itens que avaliam a coesão de grupo em equipes esportivas. Os itens são distribuídos em quatro dimensões: Integração no Grupo-Tarefa, Integração no Grupo-Social, Atração Individual para o Grupo-Tarefa e Atração Individual para o Grupo-Social. As afirmações são respondidas numa escala tipo “likert” de nove pontos que variam de “discordo totalmente” (1) a “concordo totalmente” (9). As pontuações mais altas significam valores mais elevados de coesão em cada uma das dimensões. Nascimento Junior *et al.* (2012) validaram o GEQ na população brasileira. As quatro dimensões do GEQ tiveram a consistência interna adequada, o alfa de *Cronbach* para as dimensões de coesão de grupo variou de $\alpha=0,76$ a $\alpha=0,80$.

6.4 Aspectos éticos

Este estudo respeitou as normas estabelecidas pelo Conselho Nacional de Saúde (Resolução CNS 510/2016) envolvendo pesquisa com seres humanos. De acordo com o 1º artigo da Resolução 510/2016 existem oito situações de pesquisas dispensadas de registro e avaliação no sistema Comitê de Ética em Pesquisa da Comissão Nacional de Ética em Pesquisa (CEP/CONEP). O inciso I abarca pesquisas que utilizam instrumentos de coleta de dados sem a possibilidade de identificação do sujeito a partir de informações socio pessoais e o presente trabalho adota esta metodologia.

Apesar de ser um trabalho dispensado de apresentação, todos os princípios éticos e normas propostos pela Resolução 510/2016 foram acatados. Antes de responderem aos questionários, todos os participantes assinaram um TCLE, demonstrando ciência dos objetivos, procedimentos e liberdade para desistirem em qualquer momento da pesquisa.

6.5 Procedimentos

A coleta de dados aconteceu entre os meses de março e dezembro de 2016, durante a fase final dos respectivos campeonatos. Após obter a anuência da diretoria e da comissão técnica das equipes, a pesquisadora responsável entrou em contato com os técnicos a fim de agendar as coletas de acordo com a disponibilidade das equipes. Todos os contatos foram feitos através de ligação telefônica, onde foram apresentados os objetivos e procedimentos do estudo, garantindo-lhes total sigilo sobre as informações colhidas com os questionários.

Os atletas participantes da pesquisa receberam pessoalmente o TCLE e os questionários impressos. Os atletas foram informados de que sua participação era voluntária. O TCLE ressaltava que não haveria nenhuma forma de punição caso decidisse deixar de participar da pesquisa ou recompensa caso participasse.

Após assinatura do TCLE foi iniciada a aplicação dos instrumentos de coleta de dados. A coleta de dados foi feita individualmente e o instrumento foi preenchido pelos participantes, e em seguida recolhido pela pesquisadora. A pesquisadora esteve à disposição, aguardando possíveis esclarecimentos de eventuais dúvidas a respeito do preenchimento dos questionários durante a aplicação.

6.6 Análise dos dados

Os dados obtidos foram registrados em um banco de dados, e as análises estatísticas foram feitas com o auxílio do programa *Statistical Package of Social Science* – SPSS (versão 21.0).

O banco de dados foi submetido a inspeção visual, a fim de verificar ausência de respostas, bem como os valores máximos e mínimos das escalas utilizadas no estudo, permitindo a identificação de possíveis erros de digitação. Não foram encontrados erros de quaisquer natureza.

Para descrever a amostra, os dados foram submetidos a análises estatísticas descritivas (média e desvio padrão). Para a correlação entre as dimensões de satisfação e coesão, utilizou-se o coeficiente r de *Pearson*. E para a análise descritiva e comparativa da satisfação e da coesão os atletas foram subdivididos em quatro grupos de acordo com o tipo de modalidade. A análise das diferenças entre grupos, ou seja, a comparação entre as respostas de percepção dos atletas foi realizada por meio de uma análise de variância (ANOVA *OneWay*) para medidas repetidas com teste *post-hoc Tukey*. Para todas as análises, a significância adotada foi de $p \leq 0,05$.

7 RESULTADOS E DISCUSSÕES

Este capítulo foi organizado em três partes. Inicialmente, encontra-se a apresentação descritiva dos dados, seguida da apresentação dos dados das análises feitas para avaliação das diferenças entre grupos divididos por modalidade. Posteriormente são apresentadas as análises das correlações entre as dimensões das variáveis deste estudo.

7.1 Análise descritiva

A Tabela 3 e a Tabela 4 apresentam os dados descritivos (média e desvio padrão) de cada uma das dimensões por questionário (de satisfação pessoal e coesão de grupo, respectivamente) dos atletas participantes da pesquisa.

Tabela 3

Nível de satisfação pessoal de atletas de modalidades coletivas.

	(n=138) Média (DP)
Treino Instrução (TI)	5,17 (1,217)
Tratamento Pessoal (TP)	4,81 (1,121)
Desempenho da Equipe (DE)	5,49 (1,091)
Desempenho Individual (DI)	4,94 (1,131)

Tabela 4

Nível de coesão de grupo de atletas de modalidades coletivas.

	(n=138) Média (DP)
Integração no Grupo-Tarefa (GI-T)	7,34 (1,445)
Integração no Grupo-Social (GI-S)	7,05 (1,417)
Atração Individual para o Grupo-Tarefa (AI-T)	7,47 (1,508)
Atração Individual para o Grupo-Social (AI-S)	7,52 (1,453)

De acordo com estas tabelas, os atletas apresentaram níveis moderados de satisfação pessoal e coesão de grupo em todas as dimensões. Demonstrando, porém, mais satisfeitos com o desempenho da equipe (5,49) e maior atração individual para as atividades sociais dos grupos (7,52). As tabelas 3 e 4 apontam também para menor satisfação com o tratamento pessoal (4,81) e menor atração pela integração nas atividades sociais dos grupos (7,05).

De acordo com a análise dos dados, foi possível identificar equilíbrio entre os níveis de satisfação pessoal do atleta e coesão de grupo em todas as dimensões, com destaque para atletas mais satisfeitos com o desempenho da equipe e maior atração individual para as tarefas dos grupos. Estes resultados apontam para a generalidade dos esportes coletivos em vários sentidos, principalmente no que se refere aos objetivos de desempenho que direcionam a atenção do grupo para os resultados das tarefas (Winton & Kane, 2016). Além disso, tais resultados são um aspecto positivo para atletas amadores de alto rendimento, tendo em vista que a satisfação é essencial para que os atletas continuem envolvidos com o esporte e não busquem outras fontes de sucesso para se sentirem satisfeitos (Chelladurai, 1997).

7.2 Comparações entre grupos

A Tabela 5 apresenta os escores das dimensões de satisfação dos atletas por modalidade.

Tabela 5

Comparação dos níveis de satisfação pessoal de atletas de modalidades coletivas.

	Basquete (n=31)	Rúgby (n=35)	Vôlei (n=41)	Futebol (n=31)
	Média (DP)	Média (DP)	Média (DP)	Média (DP)
Treino Instrução (TI)	4,82 (1,447) ^a	4,95 (1,191)	5,22 (1,136)	5,71 (0,922) ^a
Tratamento Pessoal (TP)	4,58 (1,445) ^b	4,59 (0,998) ^c	4,67 (0,970) ^d	5,47 (0,825) ^{b/c/d}
Desempenho da Equipe (DE)	5,02 (1,205) ^{e/f}	5,17 (1,178) ^{g/h}	5,84 (0,738) ^{e/g}	5,85 (1,021) ^{f/h}
Desempenho Individual (DI)	4,64 (1,277)	4,68 (1,259)	5,18 (1,009)	5,24 (0,848)

Nota. Diferença significativa – $p < 0,05$ – entre: a) equipe de basquete e futebol; b) equipe de basquete e futebol; c) equipe de rúgby e futebol; d) equipe de vôlei e futebol; e) equipe de basquete e vôlei; f) equipe de basquete e futebol; g) equipe de vôlei e rúgby; h) equipe de rúgby e futebol.

Em relação à dimensão Treino Instrução que envolve os treinamentos e as instruções dadas pelo treinador, encontrou-se diferença significativa da equipe de basquete com a equipe de futebol. Enquanto a equipe de basquete demonstrou estar pouco satisfeita com os aspectos relacionados aos treinos e às instruções do treinador, os atletas do futebol demonstraram estar moderadamente satisfeitos em relação a estes aspectos.

Em relação à dimensão Tratamento Pessoal, que abrange a satisfação do atleta com os comportamentos do treinador, notou-se diferença estatística da equipe de futebol com as demais equipes, visto que a equipe de futebol mostrou-se moderadamente satisfeita com o tratamento pessoal, enquanto as demais equipes demonstraram estar pouco satisfeitas com o suporte social e o *feedback* positivo.

Em relação à dimensão Desempenho de Equipe, que abrange a satisfação do atleta com o nível de desempenho técnico e tático de sua equipe e o alcance de metas, notou-se diferença estatística entre as equipes de basquete e rúgby e as equipes de futebol e vôlei. Visto que as equipes de futebol e vôlei mostraram-se moderadamente satisfeitas com o desempenho dos grupos, enquanto as outras equipes demonstraram estar pouco satisfeitas com o desempenho de suas equipes nos treinamentos e jogos disputados. Já na dimensão Desempenho Individual não foram encontradas diferenças significativas entre as equipes.

A Tabela 6 apresenta os escores das dimensões de coesão de grupo por modalidade.

Tabela 6

Comparação dos níveis de coesão de grupo de atletas de modalidades coletivas.

	Basquete (n=31)	Rúgby (n=35)	Vôlei (n=41)	Futebol (n=31)
	Média (DP)	Média (DP)	Média (DP)	Média (DP)
Integração no Grupo-Tarefa (GI-T)	7,64 (1,317) ^a	6,63 (1,767) ^{a/b}	7,30 (1,270)	7,87 (1,068) ^b
Integração no Grupo-Social (GI-S)	6,83 (1,252)	7,04 (1,544)	7,07 (1,303)	7,26 (1,595)
Atração Individual para o Grupo-Tarefa (AI-T)	7,56 (1,543)	6,88 (1,929) ^c	7,54 (1,110)	7,97 (1,212) ^c
Atração Individual para o Grupo-Social (AI-S)	7,50 (1,320)	7,09 (1,634)	7,68 (1,269)	7,82 (1,545)

Nota. Diferença significativa – $p < 0,05$ – entre: a) equipe de basquete e rúgby; b) equipe de rúgby e futebol; c) equipe de rúgby e futebol.

Em relação a coesão de grupo, observou-se diferença apenas entre duas dimensões. Na dimensão Integração no Grupo-Tarefa, notou-se diferença da equipe de rúgby com as equipes de basquete e futebol, pelo fato de estas apresentarem melhores sentimentos individuais dos membros em relação à semelhança e à proximidade da equipe quanto às tarefas a realizar.

Na dimensão Atração Individual para o Grupo-Tarefa, que refere-se a sentimentos individuais dos membros sobre seu envolvimento pessoal com as tarefas, produtividade, metas e objetivos do grupo, apresentaram diferença significativa as equipes de rúgby e de equipe de futebol, dado que a equipe de futebol apresenta melhores percepções de coesão.

Nesse ponto de vista, Westre e Weiss (1991) verificaram a importância dos treinadores para o desenvolvimento da coesão de suas equipes em um estudo com atletas de futebol, encontrando que os treinadores que forneciam maiores níveis de treino e instrução, de *feedback* positivo, que possuíam um estilo democrático e davam mais apoio social, possuíam equipes e atletas com maiores percepções de coesão na tarefa e de satisfação, resultado que vai ao encontro do presente estudo.

As equipes que apresentaram melhores níveis de satisfação pessoal também apresentaram melhores percepções de coesão de grupo. Justamente as equipes cujos atletas mais se encontravam satisfeitos com o tratamento pessoal e com as instruções do treinador foram aquelas em que os atletas apresentaram melhor percepção do ambiente de grupo.

Estes resultados evidenciaram que o nível de satisfação do atleta pode ter influência direta na coesão de uma equipe esportiva, indicando a necessidade de treinadores estarem atentos ao nível de satisfação de seus atletas para que a equipe esteja focada para o alcance de seus objetivos (Chelladurai & Riemer, 1997; Carron *et al.*, 1998; Eys *et al.*, 2007).

Lowther e Lane (2002) afirmam, em um estudo sobre o ambiente de grupo com atletas de esportes coletivos, que a interação entre os membros de uma equipe é um fator que influencia na confiança para atingir metas importantes, destacando que a satisfação e a coesão de grupo são fatores de extrema importância para que uma equipe esportiva atinja o sucesso.

O futebol foi a modalidade que, comparado com as outras equipes, mais atletas pareceram satisfeitos com os treinos e instruções do treinador, com o suporte social, o *feedback* positivo e com o desempenho de suas equipes nos treinamentos e jogos disputados. O estudo de Mizoguchi, Balbim e Vieira (2013) também confirma os achados desta pesquisa ao relatar níveis altos de satisfação em treino-instrução apresentados por atletas juvenis de beisebol de nível nacional, o que indica uma percepção positiva dos atletas em relação aos treinamentos e instruções dadas pelos treinadores.

Além disso, ainda comparado com as equipes que participaram da pesquisa, os atletas das equipes de futebol apresentaram melhores sentimentos individuais dos membros em relação à visão que tem da equipe como um todo e melhores sentimentos individuais dos membros sobre seu envolvimento pessoal com as tarefas e objetivos do grupo.

Em contrapartida, as equipes de rúgby foram as que apresentaram menor percepção de coesão. Da mesma forma mostraram-se pouco satisfeitos com o desempenho de suas equipes nos treinamentos e jogos disputados. Este dado vai de encontro ao trabalho realizado por Leite *et al.* (2015) com atletas amadores de rúgby que apresentaram níveis moderados de satisfação pessoal e coesão de grupo, com ênfase do Tratamento Pessoal e Interação Social, respectivamente.

Por outro lado, os atletas das equipes de basquete mostraram-se pouco satisfeitos tanto com os treinamentos e as instruções dadas pelos treinadores como com o desempenho técnico e tático de sua equipe. Contudo, apresentaram melhores sentimentos individuais dos membros com a equipe quanto às tarefas a realizar. Neste sentido, pode-se afirmar que estas equipes apresentam melhores resultados relacionados às atividades sociais do que de tarefa.

As equipes de vôlei, por sua vez, apresentaram resultados significativos apenas para a satisfação moderada com o desempenho técnico e tático de suas equipes.

7.3 Correlações

As análises das correlações entre as dimensões das variáveis deste estudo são apresentadas na Tabela 7.

Tabela 7

Correlação entre as dimensões de satisfação pessoal e coesão de grupo em atletas de modalidades coletivas.

COESÃO	SATISFAÇÃO			
	Treino Instrução	Tratamento Pessoal	Desempenho da Equipe	Desempenho Individual
Integração no Grupo-Tarefa (GI-T)	0,474	0,510	0,383	0,299
Integração no Grupo-Social (GI-S)	0,262	0,275	0,220	0,218
Atração Individual para o Grupo-Tarefa (AI-T)	0,627	0,649	0,437	0,331
Atração Individual para o Grupo-Social (AI-S)	0,272	0,338	0,258	0,217

As variáveis satisfação do atleta e coesão de grupo apresentaram correlações positivas e estatisticamente significantes entre as dimensões Treino Instrução e Integração no Grupo-Tarefa ($r=0,474$); Treino Instrução e Atração Individual para o Grupo-Tarefa ($r=0,627$); Tratamento Pessoal e Integração no Grupo-Tarefa ($r=0,510$); Tratamento Pessoal e Atração Individual para o Grupo-Tarefa ($r=0,649$); e Desempenho de Equipe e Atração Individual para o Grupo-Tarefa.

Quando avaliadas as correlações entre as dimensões das variáveis satisfação do atleta e coesão de grupo sem diferenciação de modalidades, foram encontradas correlações positivas e significantes. As correlações encontradas são justamente aquelas em que foram apontadas diferenças significativas entre grupos.

Tanto a satisfação com os aspectos relacionados aos treinos e instruções dos treinadores quanto a satisfação dos atletas com o suporte social e *feedback* positivo dos treinadores apresentaram correlação significativa com os sentimentos individuais dos membros em relação às equipes como unidades sociais, bem como com os

sentimentos individuais dos membros sobre seu envolvimento pessoal com as tarefas, produção de metas e objetivos do grupo.

É interessante destacar que as equipes apresentaram diferenças significativas nos escores entre as dimensões de coesão relacionadas à tarefa e ao social (Tabela 7), evidenciando maiores percepções de coesão nas dimensões relacionadas à tarefa.

Esse achado vai ao encontro do estudo de Ramzaninezhad e Keshtan (2009) sobre coesão de grupo e estilos de liderança de treinadores com jogadores de futebol profissionais irlandeses, que verificou que para atletas profissionais as dimensões de coesão mais significativas são relacionadas às tarefas e objetivos da equipe, evidenciando que as relações e interações sociais no esporte de alto rendimento são menos focadas.

Nascimento Junior *et al.* (2011) também encontraram esses resultados em estudo sobre o nível de satisfação e coesão de grupo realizado com atletas do futsal brasileiro, que verificou que para atletas profissionais as dimensões de coesão mais significativas são relacionadas à tarefa e objetivos da equipe, evidenciando que as relações e interações sociais no esporte de alto rendimento são menos focadas.

Já Leitão (1999) verificou, ao estudar os níveis de coesão em atletas de futebol portugueses, que para jogadores profissionais o objetivo principal no esporte é vencer, assumindo assim a coesão na tarefa uma variável que discrimina os níveis de rendimentos obtidos.

No entanto, esses resultados vão de encontro ao estudo de Gomes, Pereira e Pinheiro (2008), com jovens atletas de futebol e futsal, os quais mostraram o envolvimento pessoal dos atletas nas tarefas sociais das equipes como o aspecto mais importante, seguido pela atração às tarefas. Essas diferenças podem ser justificadas pelo fato de as equipes pesquisadas neste estudo serem de atletas adultos amadores, e assim, estarem focadas mais nas tarefas e menos nos aspectos sociais.

Já a satisfação dos atletas com o nível do desempenho técnico e tático de suas equipes e o alcance de metas demonstrou correlação positiva com os sentimentos individuais dos membros sobre seu envolvimento pessoal com as tarefas, produção de metas e objetivos do grupo.

7.4 Discussão dos resultados por modalidade

O futebol, um dos esportes mais populares do mundo, é praticado com os pés, o que aumenta ainda mais a imprecisão dos resultados. O ponto central do futebol é a associação da percepção de conjunto dos jogadores no aspecto coletivo e, em contrapartida o uso individual e impreciso dos pés, com movimentos corporais em ritmos descompassados. É um esporte que exige, muito além de correr atrás da bola, habilidades coletivas, interdependência, competências técnicas e táticas (Figueira & Greco, 2008). Participaram da pesquisa duas equipes de futebol, representadas por 31 atletas. O futebol foi a modalidade, entre as avaliadas, em que os atletas apresentaram melhores níveis de satisfação e percepção de coesão. Este resultado pode estar associado à cadeia de ações inteligentes, proposta por Figueira e Greco (2008), que compõem o comportamento de uma equipe em um jogo de futebol. Essa cadeia de ações é composta pelas seguintes fases: (a) planejamento tático coletivo; (b) planejamento tático para pequenos grupos de jogadores (grupo tático defensivo e grupo tático ofensivo); (c) planejamento de sequências de ações individuais em situação defensiva e ofensiva; (d) coordenação de sequências de ações individuais; (e) criação de ações individuais (habilidades técnicas com e sem bola). E são essas ações que competem aos atletas de futebol a visibilidade e utilização conjunta de habilidades individuais e coletivas que beneficiam a satisfação do atleta e a coesão do grupo. Pode-se considerar também esses resultados como derivados de uma questão cultural, pelo fato de ser um dos esportes com maior prestígio social no Brasil, com

isso, as equipes contam com mais infraestrutura e mais informações sobre a prática do esporte o que favorece os níveis de satisfação e coesão.

Em contrapartida, o rúgby, esporte coletivo de intenso contato físico e onde as regras do jogo permitem que um jogador utilize a força para se sobrepôr ao adversário, foi o esporte em que os atletas apresentaram menores percepções tanto de satisfação como de coesão entre as modalidades avaliadas. Mello e Pinheiro (2014) afirmaram que, baseado na essência de que o rúgby exige dos jogadores o desenvolvimento do 'espírito do rúgby' como condição básica para o envolvimento com essa modalidade esportiva, é indispensável a um jogador de rúgby o sentido de cooperação. Para os autores, o aspecto coletivo do jogo permite que cada um dos jogadores tenha grande importância para o êxito da equipe, ressaltando suas virtudes no cumprimento de uma função específica.

No basquete, jogo coletivo dinâmico e complexo marcado por constantes conflitos gerados pelas ações dos jogadores, que disputam a posse de uma única bola, defendem sua cesta e atacam na cesta adversária (Lovatto & Galatti, 2007; Ferreira, 2009), os atletas foram os que apresentaram melhores resultados relacionados às atividades sociais quando comparado com as atividades relativas à tarefa. Este resultado pode estar associado às disputas envolvidas no esporte, que oferecem aos atletas mais prazer nas atividades sociais do que nas atividades relacionadas à tarefa em si. A proximidade desenvolvida pelos atletas em quadra se manifesta de forma positiva fora dela.

O vôlei, esporte que historicamente passou por diversas transformações devido às adequações do esporte ao processo de espetacularização e massificação (Mezzaroba & Pires, 2011), foi o esporte em que os atletas apresentaram resultados significativos apenas referentes à satisfação com o desempenho técnico e tático de suas equipes. Este resultado pode estar associado a esse processo de fortalecimento da popularização do vôlei, que aconteceu, principalmente às adequações do esporte à

transmissão pela tevê (Mezzaroba & Pires, 2011), o que fortalece a necessidade de satisfação com desempenho da equipe, que pode ser avaliado através de uma proporção midiática.

8 CONCLUSÃO

O objetivo desse trabalho foi investigar os níveis de satisfação de atletas, de coesão de grupo de equipes de esporte coletivo e verificar as correlações existentes entre estas variáveis. Para tanto, foram investigadas 10 equipes de esporte coletivo cujos atletas responderam a dois questionários (ASQ-L e GEQ) para avaliar respectivamente satisfação do atleta e coesão de grupo. Os resultados da pesquisa indicam que as variáveis satisfação e coesão encontram-se positivamente correlacionadas, confirmando que a relação entre as variáveis podem ser associadas no contexto esportivo. Ou seja, as equipes com melhores níveis de satisfação do atleta mostraram os melhores níveis de percepção de coesão de grupo. Estes dados apontam que, no contexto esportivo amador, os atletas valorizam mais as atividades voltadas para a tarefa em detrimento das sociais. Além disso, a instrução que recebem dos treinadores, bem como a forma como são tratadas por ele são elementos que intervêm na coesão relacionada às atividades voltadas para a tarefa.

Outras variáveis podem influenciar no nível de satisfação do atleta e na coesão de grupo. No entanto, estes fatores não foram investigados nesse estudo por uma questão de limitação do tema de pesquisa, abordando apenas a relação existente entre a variável satisfação do atleta e coesão de grupo. Outra limitação foi que participaram do estudo apenas as equipes da região Sudeste, que participavam de competições estaduais e que consentiram em participar voluntariamente da pesquisa. Diante disso, sugere-se a necessidade da realização de pesquisas relacionadas à satisfação de atletas e coesão de grupo no contexto esportivo de alto rendimento, buscando explorar essas variáveis psicológicas importantes para o desempenho das equipes esportivas.

Privilegiou-se, nesse estudo, a avaliação do nível de satisfação e de coesão de equipes de esporte coletivo amadoras. Em função disso, poderiam os resultados ser

diferentes se fossem avaliadas equipes de atletas profissionais? Se fosse avaliado apenas uma modalidade esportiva, porém com uma amostra maior por exemplo, os resultados finais também seriam diferentes? Como seria, por exemplo, os resultados destas investigações se fossem associados métodos quantitativos e qualitativos? Com estas perguntas se pretende alertar para a necessidade de mais investigações sobre este tema.

Um dos objetivos deste trabalho foi verificar as correlações existentes entre a variável satisfação do atleta e coesão de grupo e entende-se que foi atendido, pois foi possível identificar a existência de relações moderadas entre as dimensões das variáveis para o público avaliado. De qualquer maneira, buscar responder aos apontamentos aqui levantados, bem como outros que possam ser construídos, é importante para que uma maior solidez conceitual neste campo de estudo seja alcançada. Através de outros estudos será possível identificar outras variáveis que possam explicar questões relevantes ao esporte coletivo.

O presente estudo pretendeu investigar um contexto pouco explorado: equipes de esporte coletivo de diferentes modalidades. As experiências prévias dos autores nesse contexto provocaram inquietações que, associadas à importância de se conhecer ainda mais a individualidade das equipes de esporte coletivo e das modalidades praticadas, motivaram o desenvolvimento da pesquisa. No entanto, este estudo não responde todas as questões sobre o assunto; é apenas uma proposta inicial para a criação de um conjunto robusto de estudos que contribuam para a promoção da satisfação dos atletas e da coesão das equipes.

Tendo em vista que o público alvo desta pesquisa foram atletas de equipes amadoras de diferentes modalidades, é preciso cautela na generalização dos resultados para outros contextos. Além disso, embora o número de atletas tenha sido adequado às avaliações, o processo de coleta de dados apontou para considerável resistência dos técnicos em permitir a participação dos atletas na pesquisa. Em geral,

eles justificavam um acordo entre os membros da comissão técnica para não permitir avaliações acadêmicas com os atletas pela possibilidade que esse tipo de intervenção possa causar desajustes na equipe. Este é um fenômeno que pode interferir diretamente nas pesquisas em Psicologia do Esporte, visto que, minimiza as possibilidades de coleta de dados. Seria necessário utilizar estratégias alternativas em estudos futuros (observações *in loco* ou entrevistas, por exemplo).

Apesar das limitações, a presente pesquisa representa um avanço na literatura da psicologia do esporte, já que são escassos os estudos que correlacionem essas variáveis em equipes esportivas amadoras de diferentes modalidades. Este tema se constitui, portanto, de grande relevância para esta área da psicologia e também para o desenvolvimento do esporte como um todo, uma vez que é evidente a necessidade dos atletas buscarem no esporte prazer e satisfação e não apenas a competitividade.

9 REFERÊNCIAS

- Altahayneh Z. (2003). The effects of coaches' behaviors and burnout on the satisfaction and burnout of athletes. Tese de doutorado, Florida State University, Florida, EUA.
- Andrade, A., Brandt, R., Dominski, F. H., Vilarino, G. T., Coimbra, D., & Moreira, M. (2015). Psicologia do esporte no Brasil: revisão em periódicos da psicologia. *Psicologia em Estudo*, 20(2), 309-317.
<https://doi.org/10.4025/psicoestud.v20i2.25643>
- Andrew, D. (2009). The Impact of Leadership Behavior on Satisfaction of College Tennis Players: A Test of the Leadership Behavior Congruency Hypothesis of the Multidimensional Model of Leadership. *Journal of Sport Behavior*, 32(3), 261-277.
- Angelo, L. F., & Rubio, K. (2011). Instrumentos de avaliação em Psicologia do Esporte. São Paulo: Casa do Psicólogo.
- Balbin, G. M., Nascimento Junior, J. R. A., & Vieira, L. F. (2013). Análise do nível de satisfação e perfeccionismo de atletas profissionais de futsal do estado do Paraná. *Conexões*, 11(2), 15-30.
- Barbanti, I. V. J. (2003). Dicionário de educação física e esporte. São Paulo: Manole.
- Barbosa, C. M., da Silva, K. J., Bilória, B. T., Campos, D. R., & Campos, L. A. S. (2012) Análise do perfil motivacional de universitários praticantes de rugby: UFTM/Uberaba-MG. *Coleção pesquisa em Educação Física*, 11(5), 15-22.
- Bayer, C. (1994). O ensino dos deportes colectivos. Lisboa: Dinalivro.
- Borrego, C. C., & Alves, J. (2006). Como avaliar a satisfação dos atletas com as experiências desportivas – Tradução e adaptação do questionário "Athlete Satisfaction Questionnaire" para português. *Desporto: Investigação & Ciência*, 5(1), 63-82.
- Borrego, C. M. C., Leitão, J. C., Alves, J., Silva, C., & Palmi, J. (2010). Análise confirmatória do Questionário de Satisfação do Atleta: versão Portuguesa. *Psicologia: Reflexão e Crítica*, 23(1), 110-120.
<https://doi.org/10.1590/S0102-79722010000100014>
- Çakioglu, A. (2003). Leadership and satisfaction in soccer: Examination of congruence and player's position. Tese de doutorado, Middle East Technical University, Ankara, Turkey.
- Camargo, G. P. F. (2011). Entidades maquiagem vínculo para sonegar encargos. Recuperado em 15 maio, 2017, de <http://www.conjur.com.br/2011-ago-17/entidades-forjam-desporto-amador-sonegar-encargos-trabalhistas>
- Campion, M. A., Medsker, G. J., & Higgs, A. C. (1993). Relations between work group characteristics and effectiveness: Implications for designing effective work groups. *Personnel psychology*, 46(4), 823-847.
<https://doi.org/10.1111/j.1744-6570.1993.tb01571.x>

- Carron, A. V. (1988). *Group dynamics*. London: Spodym.
- Carron, A. V. (1993). The sport team as an effective group. In J. Williams (Ed.), *Applied Sport Psychology. Personal Growth to Peak Performance* (2. ed.). Mountain View: Mayfield.
- Carron, A. V., Brawley, L. R., & Widmeyer, W. N. (1998). The measurement of cohesiveness in sport groups. *Advances in sport and exercise psychology measurement*, 23(7), 213-226.
- Carron, A. V., Hausenblas, H. A., & Eys, M. A. (2005). (3. ed.). *Group dynamics in sport*. Morgantown: Fitness Information Technology.
- Carron, A. V., Widmeyer, W. N., & Brawley, L. R. (1985). The development of an instrument to assess cohesion in sport teams: The Group Environment Questionnaire. *Journal of sport psychology*, 7(3), 244-266.
<https://doi.org/10.1123/jsp.7.3.244>
- Chagas, E. P. (1989). Esporte de lazer – Esporte de rendimento: análise de seus pressupostos. *Motrivivência*, 2(1), 101-104.
- Chelladurai, P. (1978). A contingency model of leadership in athletics. Tese de Doutorado, University of Waterloo, Waterloo, ON, Canadá.
- Chelladurai, P. (2007). Leadership in sports. *Handbook of sport psychology*, 3(1), 113-135.
<https://doi.org/10.1002/9781118270011.ch5>
- Chelladurai, P., & Riemer, H. A. (1997). A classification of facets of athlete satisfaction. *Journal of sport management*, 11(2), 133-159.
<https://doi.org/10.1123/jsm.11.2.133>
- Corrêa, D. K. D. A. (2004). A construção de competências coletivas em equipes esportivas: o caso do futebol. Dissertação de mestrado. Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, RS, Brasil.
- Costa, C. G. (2005). Avaliação das competências emocional e social de pessoas com condições de deficiência visual total praticantes de atividade física. Dissertação de Mestrado. Universidade do Estado de Santa Catarina, Florianópolis, SC, Brasil.
- Courneya, K. S., & Chelladurai, P. (1991). A Moid of Performance Measures in Baseball. *Journal of Sport and Exercise Psychology*, 13(1), 16-25.
<https://doi.org/10.1123/jsep.13.1.16>
- Cruz, J. F. A. & Antunes, J. M. (1997). Adaptação e características psicométricas do "questionário de coesão desportiva" e da "escala de satisfação com a competição". In J. F. Cruz & A. R. Gomes, (Eds.), *Psicologia aplicada ao desporto e à actividade física: Teoria, investigação e prática*. Braga, Portugal: Associação dos Psicólogos Portugueses.
- Daiuto, M. (1991). *Basquetebol: origem e evolução*. São Paulo: Iglu.

- Dawis, R. V., & Lofquist, L. H. (1984). A psychological theory of work adjustment: An individual differences model and its application. Minneapolis: University of Minnesota.
- Duarte, D., Teques, P., & Silva, C. (2017). Liderança e satisfação no futebol: testagem da congruência com recurso a análise de equações estruturais. *Revista iberoamericana de psicología del ejercicio y el deporte*, 12(1), 71-82.
- Eiroá, J. G. (2000). Desporto de equipo. Barcelona: Inde.
- Eys, M. A., Lougheadb, T. M., & Hardy, J. (2007). Athlete leadership dispersion and satisfaction in interactive sport teams. *Psychology of Sport and Exercise*, 8, 281-296. <https://doi.org/10.1016/j.psychsport.2006.04.005>
- Ferreira, H. B. (2009). Pedagogia do esporte: identificação, discussão e aplicação de procedimentos pedagógicos no processo de ensino-vivência aprendizagem da modalidade basquetebol. Dissertação de mestrado, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, SP, Brasil.
- Festinger L., Back, K. W., & Schachter, S. (1950). Social Pressures in Informal Groups: A Study of Human Factors in Housing. New York: Harper
- Figueira, F. M., & Greco, P. J. (2008). Futebol: um estudo sobre a capacidade tática no processo de ensino-aprendizagem–treinamento. *Revista Brasileira de Futebol*, 1(2), 53-65.
- Fonseca, T. C., Pires, R. C. C., Borges, C., & Hunger, D. (2006). A história do basquetebol masculino francano. *Lecturas, Educación Física y Deportes*, 11(95), 1-9.
- García-Dantas, A., & Tubío, J. C. C. (2011). Factores que influyen en el abandono en los conservatorios de danza. *Revista iberoamericana de psicología del ejercicio y el deporte*, 6(1), 79-96.
- García-Mas, A. (1997). Análisis psicológico del equipo deportivo. Las bases del entrenamiento psicológico. In J. Cruz (Ed.). *Psicología del deporte*. Madrid: Síntesis.
- Giglio, S. S. (2014). "Muito mais do que um jogo": os embates entre o coi e a Fifa pelo controle do futebol olímpico. *Ciência e Cultura*, 66(2), 47-50. <https://doi.org/10.21800/S0009-67252014000200017>
- Gomes, A. R., & Machado, A. A. (2010). Liderança, coesão e satisfação em equipas de voleibol portuguesas: Indicações da investigação e implicações práticas. In M.R.F. Brandão & A.A. Machado (Eds.), *O Voleibol e a psicologia do esporte* (pp. 187-218). São Paulo: Editora Atheneu.
- Gomes, A. R., Pereira, A. P., & Pinheiro, A. R. (2008). Liderança, coesão e satisfação em equipas desportivas: um estudo com atletas portugueses de futebol e futsal. *Psicologia: Reflexão e Crítica*, 21(3), 482-491. <https://doi.org/10.1590/S0102-79722008000300017>

- Hernandez, J. A. E., & Gomes, M. M. (2002). Coesão grupal, ansiedade pré-competitiva e o resultado dos jogos em equipes de futsal. *Revista Brasileira de Ciências do Esporte*, 24(1), 139-150.
- Hoper, J. R. (2006). The relationships among role involvement, team cohesion, and athlete satisfaction. Dissertação de mestrado, Universidade da Carolina do Norte de Greensboro, Greensboro, NC, EUA.
- Hunt, H.K. (1977). Conceptualization and measurement of consumer satisfaction and dissatisfaction. Marketing Science Institute.
- Karreman, E., Dorsch, K., & Riemer, H. (2009). Athlete satisfaction and leadership: Assessing group-level effects. *Small group research*, 40(6), 720-737.
<https://doi.org/10.1177/1046496409346450>
- Lei nº 8.672, de 6 de Julho de 1993 (1993). Institui normas gerais sobre desportos e dá outras providências. Brasília. Recuperado em 10 janeiro, 2017, de http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/L8672.htm
- Lei nº 9.615, de 24 de março de 1998 (1998). Dispõe sobre as normas gerais do desporto. Brasília. Recuperado em 10 janeiro, 2017, de http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/L9615consol.htm
- Leitão, J. C. G. D. C. (1999). A relação treinador-atleta: percepção dos comportamentos de liderança e de coesão em equipes de futebol. Tese de doutorado, Universidade de Coimbra, Coimbra, Portugal.
- Leite, M. A. F. J., Sasaki, J. E., Zanetti, H. R., Santos, S. T., Abrahão, C. A. F., Chaves, A. D., & Mendes, E. L. Nível de coesão grupal e satisfação de atletas de rúgby. *Coleção pesquisa em Educação Física*, 14(3), 125-132.
- Lopes, M. (2006). A relação do perfil de liderança dos treinadores de voleibol com a satisfação e o desempenho dos atletas na Superliga Feminina 2004/2005. Dissertação de mestrado, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, MG, Brasil.
- Lopes, M. C., Salmulski, S., & Silva, L. A. (2007). Validação do questionário de satisfação do atleta - Versão liderança. *Revista Brasileira Ciência e Movimento*, 15(4), 47-56.
- López, A. (1993). La importancia de los conocimientos teóricos dentro del sistema de conocimientos de la asignatura educación física. Tese de doutorado. Instituto Central de Ciências Pedagógicas, Habana Nueva, Cuba.
- Lovatto, D. L., & Galatti, L. R. (2007). Pedagogia do esporte e jogos esportivos coletivos: das teorias gerais para a iniciação esportiva em basquetebol. *Movimento e Percepção*, 8(11), 268-277.
- Lowther, J., & Lane, A. (2002). Relationships between mood, cohesion and satisfaction with performance among soccer players. *Athletic Insight*, 4(3), 57-69.

- Luckwü, R. M. (2016). Satisfação de necessidades psicológicas e experiência em competitividade: uma análise correlacional. In Congresso Internacional de Atividade Física, Nutrição e Saúde (No. 1).
- Martinez, L. & Ferreira, A. (2007). *Análise de Dados com SPSS*. São Paulo: Escolar Editora.
- Matias, C. J. A. S., & Greco, P. J. (2012). De Morgan ao voleibol moderno: o sucesso do Brasil e a relevância do levantador. *Revista Mackenzie de Educação Física e Esporte*, 10(2), 49-63.
- Mezzaroba, C., & de Lorenzi Pires, G. (2012). Breve panorama histórico do voleibol: do seu surgimento à espetacularização esportiva. *Atividade Física, Lazer & Qualidade de Vida: Revista de Educação Física*, 2(2), 3-19.
- Mizoguchi, M. V., Balbim, G. M., & Vieira, L. F. (2013). Estilo parental, motivação e satisfação de atletas de beisebol: um estudo correlacional. *Journal of Physical Education*, 24(2), 215-223.
<https://doi.org/10.4025/reveducfis.v24i2.16282>
- Moreno, L. F. (2012). O ensino do rugby para crianças e jovens de 9 a 14 anos: relato de experiência. Trabalho de conclusão de graduação. Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, RS, Brasil.
- Nascimento Junior, J. R. A. D., Vieira, L. F., Rosado, A. F. B., & Serpa, S. (2012). Validation of the Group Environment Questionnaire (GEQ) for Portuguese language. *Motriz: Revista de Educação Física*, 18(4), 770-782.
- Nascimento Junior, J. R. A., Vieira, L. F., Souza, E. A., & Vieira, J. L. L. (2011). Nível de satisfação do atleta e coesão de grupo em equipes de futsal adulto. *Revista Brasileira de Cineantropometria e Desempenho Humano*, 13(2), 138-144.
- Oliver, R. L. (1997). *Satisfaction: a behavioral perspective on the consumer*. New York: McGraw Hill.
- Parlebas, P. (1988). *Elementos de sociología del deporte*. Andalucía: Universidad Internacional Deportiva.
- Passos, P. C. B., da Costa, L. C. A., Belem, I. C., Contreira, A. R., Both, J., & Vieira, L. F. (2015). Satisfação do atleta de futsal e o tempo de experiência no esporte. *Revista Brasileira de Ciência e Movimento*, 23(3), 64-69.
<https://doi.org/10.18511/0103-1716/rbcm.v23n3p64-69>
- Perruci, F. F. (2006). *Clube-empresa: o modelo brasileiro para transformação dos clubes de futebol em sociedades empresárias*. Dissertação de mestrado, Faculdade de Direito Milton Campos, Nova Lima, MG, Brasil.
- Práticas de esporte e atividade física da PNAD 2015. IBGE, Coordenação de Trabalho e Rendimento. Rio de Janeiro : IBGE, 2017.
- Ramzaninezhad, R., & Keshtan, M. H. (2009). The relationship between coach's leadership styles and team cohesion in Iran football clubs professional league. *Brazilian Journal of Biomotricity*, 3(2), 111-120.

- Ramzaninezhad, R., Keshtan, M. H., Shahamat, M. D., & Kordshooli, S. S. (2009). The relationship between collective efficacy, group cohesion and team performance in professional volleyball teams. *Brazilian Journal of Biomotricity*, 3(1), 31-39.
- Rezende, J. R. (2016). *Tratado de Direito Desportivo*. São Paulo: All Print Editora.
- Riemer, H. A., & Chelladurai, P. (1995). Leadership and satisfaction in athletics. *Journal of Sport and Exercise Psychology*, 17(3), 276-293.
<https://doi.org/10.1123/jsep.17.3.276>
- Riemer, H. A., & Chelladurai, P. (1998). Development of the athlete satisfaction questionnaire (ASQ). *Journal of Sport and Exercise Psychology*, 20(2), 127-156.
<https://doi.org/10.1123/jsep.20.2.127>
- Riemer, H. A., & Toon, K. (2001). Leadership and satisfaction in tennis: Examination of congruence, gender, and ability. *Research Quarterly for Exercise and Sport*, 72(3), 243-256.
<https://doi.org/10.1080/02701367.2001.10608957>
- Roche, M. (2002). *Megaevents and modernity: Olympics and expos in the growth of global culture*. London: Routledge.
- Rodrigues, V. D. M. (2014). *Liderança do treinador e satisfação de atletas escolares*. Dissertação de mestrado, Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa, PB, Brasil.
- Rodrigues, V. D. M., & Saldanha, A. A. W. (2016). Liderança e Satisfação no Esporte Escolar: Teste da Hipótese da Congruência do Modelo Multidimensional de Liderança. *Psicologia: Ciência e Profissão*, 36(3), 653-667.
<https://doi.org/10.1590/1982-3703001492014>
- Rosado, A., Mesquita, I., Correia, A., & Colaço, C. (2009). Relação entre esgotamento e satisfação em jovens praticantes desportivos. *Revista Portuguesa de Ciências do Desporto*, 9(2), 56-67.
- Rose Junior, D. (2000). *O esporte e a psicologia: enfoque do profissional do esporte. Psicologia do esporte: interfaces, pesquisa e intervenção*. São Paulo: Casa do Psicólogo.
- Rubio, K. (1999). A psicologia do esporte: histórico e áreas de atuação e pesquisa. *Psicologia: ciência e profissão*, 19(3), 60-69.
<https://doi.org/10.1590/S1414-98931999000300007>
- Rubio, K. (2003). *Psicologia do Esporte: teoria e prática*. São Paulo: Casa do Psicólogo.
- Samulski, D. M. (2002). *Psicologia do Esporte: Manual para a Educação Física, Psicologia e Fisioterapia*. São Paulo: Manole.
- Santos, A. M. R. D. O. (2004). *Impacto da liderança, coesão e satisfação dos atletas no rendimento desportivo: estudo no voleibol de alta competição*. Tese de Doutorado, Universidade do Minho, Braga, Portugal.

- Senécal, J., Loughhead, T. M., & Bloom, G. A. (2008). A season-long team-building intervention: Examining the effect of team goal setting on cohesion. *Journal of Sport and Exercise Psychology*, 30(2), 186-199.
<https://doi.org/10.1123/jsep.30.2.186>
- Sheth, J. N., Mittal, B., & Newman, B. (2001). *Comportamento do cliente: Indo além do Comportamento do Consumidor*. São Paulo: Atlas.
- Silva, C. A. T., Teixeira, H. M., & Niyama, J. K. (2009). Evidenciação contábil em entidades desportivas: uma análise dos clubes de futebol brasileiros. In *Congresso USP de Controladoria e Contabilidade* (Vol. 9).
- Souza, J. S. S., & Knijnik, J. D. (2007). A mulher invisível: gênero e esporte em um dos maiores jornais diários do Brasil. *Revista Brasileira de Educação Física e Esporte*, 21(1), 35-48.
- Spink, K. S., & Carron, A. V. (1992). Group cohesion and adherence in exercise classes. *Journal of Sport and Exercise Psychology*, 14(1), 78-86.
<https://doi.org/10.1123/jsep.14.1.78>
- Tubino, M. J. G. (1993). *O que é esporte*. São Paulo: Brasiliense.
- Vieira, M. P. (2015). *Nível de satisfação com a vida de atletas segundo sexo, perfil psicológico de gênero e status social subjetivo nas modalidades esportivas*. Dissertação de mestrado, Universidade do Estado de Santa Catarina, Florianópolis, SC, Brasil.
- Wachelke, J. F., Andrade, A. L. D., Tavares, L., & Neves, J. R. (2008). Mensuração da identificação com times de futebol: evidências de validade fatorial e consistência interna de duas escalas. *Arquivos Brasileiros de Psicologia*, 60(1), 96-111.
- Weinberg, R. S., & Gould, D. (2017). *Fundamentos da psicologia do esporte e do exercício*. (6. ed.). São Paulo: Artmed Editora.
- Westre, K. R., & Weiss, M. R. (1991). The relationship between perceived coaching behaviors and group cohesion in high school football teams. *The Sport Psychologist*, 5(1), 41-54.
<https://doi.org/10.1123/tsp.5.1.41>
- Wilkie, W. L. (1994). *Consumer behavior*. (3 ed.). New York: John Wiley & Sons.
- Winton, S. L., & Kane, T. D. (2016). Effects of group goal content on group processes, collective efficacy, and satisfaction. *Journal of Applied Social Psychology*, 46(2), 129-139.
<https://doi.org/10.1111/jasp.12336>